



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MESIAS RAMOS DE SOUSA NEVES

**OS HERDEIROS DA COSTURA: A LÓGICA REPRODUTIVA DA
ESCOLARIZAÇÃO POR MEIO DA NECESSIDADE**

SUMÉ – PB
2016

MESIAS RAMOS DE SOUSA NEVES

**OS HERDEIROS DA COSTURA: A LÓGICA REPRODUTIVA DA
ESCOLARIZAÇÃO POR MEIO DA NECESSIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa (UFPB)

Co-orientador: Prof. Dr. José Marciano Monteiro (UFCG)

SUMÉ-PB

2016

N518h

Neves, Mesias Ramos de Sousa.

Os herdeiros da costura: a lógica reprodutiva da escolarização por meio da necessidade. / Mesias Ramos de Sousa Neves. - Sumé - PB: [s.n], 2016.

83 f.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa; Co-orientador: Prof. Dr. José Marciano Monteiro.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Educação - Escolarização.
2. Trabalho – Ramo da costura.
3. Evasão escolar.
4. Desigualdade social. I. Título.

CDU: 37.06 (043.3)

MESIAS RAMOS DE SOUSA NEVES

“OS HERDEIROS DA COSTURA: a lógica reprodutiva da escolarização por meio da necessidade”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais.

Aprovada em: 03/06/2016.

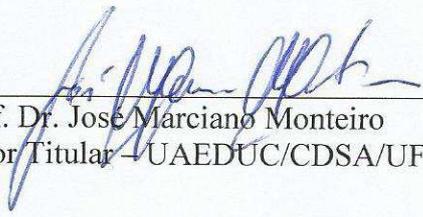
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa
(Orientador – UFPB)



Profa. Dra. Vilma Soares de Lima Barbosa
(Examinadora Titular – UFS)



Prof. Dr. José Marciano Monteiro
(Examinador Titular – UAEDUC/CDSA/UFCG)

À Maria e Afonso, meus pais
À Amanda, Miguel e Mateus, meus irmãos
À Dênis e Apollo, meus sobrinhos
Razão de minha vida,
Sentido de minha existência.

AGRADECIMENTOS

O trabalho que hoje concluo é resultado dum processo onde muitos tiveram contribuições. Por esse motivo, gostaria de render o reconhecimento e sentimento de gratidão àqueles que foram peças-chaves nesse processo.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, arquiteto e promotor de todas as circunstâncias que me sobrevieram; causa primeira; ser transcendente cujo depósito de fé é a razão motivadora para os meus dias.

A Maria Santíssima intercessora fiel de todos os meus passos.

Aos meus pais Maria e Afonso, meus irmãos Amanda, Miguel e Mateus, que se doaram diariamente com o suor de suas vidas; numa “*kenosis*” diária para auxiliar minha caminhada; numa alteridade sem limites, cujo objetivo único era dar o melhor de si, para mim.

Aos meus tios, primos, parentes todos, que me incentivaram para concluir todos os meus objetivos.

Aos meus eternos professores do Ensino Fundamental e Médio, que desde a minha infância foram responsáveis por escolarizar-me, quando não educar-me, sem que medissem esforços para que eu tivesse o mínimo para alçar voos. Aprendi com vocês a arte do voo. Levarei comigo a gratidão por esses momentos únicos de aprendizado.

Aos professores da Universidade que me ensinaram a buscar ainda mais o conhecimento. A sede de beber desta fonte fez de minha visão de mundo, uma nova visão, um novo ser.

Ao professor Ivan Fontes Barbosa pelas imensas contribuições na orientação deste trabalho, sempre crítico, atencioso e disposto a auxiliar no que preciso. Ao professor José Marciano Monteiro que, também, se dispôs gentilmente a colaborar conosco. A professora Vilma Soares, que me fez descobrir o objeto de minha pesquisa e me encorajou nessa empreitada oferecendo apoio, sem medir esforços.

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que me proporcionou anos de experiências construtivas à minha formação. Com ele aprendi a grandeza do professor e me encantei pela capacidade de poder levar conhecimentos a outras pessoas. Ao meu coordenador Rozenval de Almeida agradeço imensamente pela oportunidade que me foi confiada. A minha supervisora Ana Marcela Jordão pela compreensão e aprendizado que me foi oferecida em dias tão agradáveis em grupo. Aos meus colegas “pibidianos”, Diones, Dênis, Samara, Maria, Natália e Fábria por terem me auxiliado quando necessário para que tivéssemos o melhor em nosso projeto. Nossas experiências são memoráveis! À Escola Manoel Alves Campos, do Congo, agradeço por me acolher com tanto carinho.

Sou grato aos amigos de infância, Denise, Adriana, Joseilma e Tatiane, pelos momentos vivenciados, lembrados com saudosismo, certos do elo que nos ligam e nos fazem crescer mutuamente a cada dia. Vocês foram indispensáveis para que eu me reconhecesse enquanto sujeito capaz de chegar à Universidade e ao curso que tanto me identifiquei.

Aos conterrâneos universitários Caio, Tamara, Beatriz, Natália, Girluce, Luana, Alan, Sintia, Tomaz, Renata, entre tantos outros que ficaram pelo caminho ou seguiram outras trilhas; todos deixaram nossos fardos mais leves, fazendo da rotina momentos prazerosos de imensa felicidade.

A Gabriela, Fernanda, Maria Ferreira, Laudilina, Letícia e Rafael Farias pelo companheirismo em todos os momentos de minha vida acadêmica. Conhecer vocês foi mais um presente que a vida me concedeu.

Aos que doam suas vidas na labuta diária da costura, que sem limites dedicam-se para o sustento de muitos. Nos anos que passei na costura, aprendi, experimentei e em ligação tão íntima voltei pra estudar este campo, que me fascina e me deixa realizado.

Enfim, a todos que em minha vida foram protagonizares na construção de ser humano, que sou. A todos a minha gratidão, meu apreço e admiração. Que este ‘obrigado’ simbolize o reconhecimento de tantas pessoas importantes na minha vida.

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da 'escola libertadora', quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (Bourdieu, 1998)

RESUMO

O presente trabalho investigou a causa de pessoas saírem da Escola para ingressar no mundo do trabalho, mais precisamente, no *Polo de Confecções do Agreste Pernambucano* que tem se expandido nos últimos anos e chegou ao Cariri Paraibano. Nesse sentido, tencionei saber em que medida essa expansão tem alterado a configuração da escolarização do município de Coxixola e como tem se efetivado esses modos de atuação para a reprodução, que permeiam as práticas da relação trabalho-escola. Através duma abordagem exploratória, levantei dados primários, por meio de questionários preenchidos por trabalhadores do ramo da costura, que permitiram à pesquisa uma explanação do campo de estudo, vislumbrando a compreensão das relações de produção que tecem a vida escolar dos sujeitos advindos de camadas populares e qual sua relação com o mundo do trabalho. Ademais, ouvi esses agentes que por meio de suas vivências diárias narraram como se constrói diariamente esse aglomerado produtivo nos micro-espacos de trabalho, culminando numa lógica própria de atuação do Capital e de suas Instituições reprodutoras, sobretudo a Escola. A manutenção cíclica dos “herdeiros” se configura como ato primordial na consumação das reproduções societárias, cujas Instituições Educacionais manifestam expressamente espaços de aparelhamento dessa lógica. Assim sendo, busquei investigar como tem sido essa relação entre trabalho e educação na reprodução das desigualdades sociais, cujo resultado demonstrou a saída precoce em vista das necessidades que acompanha as classes populares, mantendo, dessa forma, uma atuação própria e recorrente de reproduções em sociedade.

PALAVRAS CHAVES: Educação. Trabalho. Polo de Confecção do Agreste Pernambucano. Coxixola. Reprodução.

ABSTRACT

This study investigated the cause of people leaving the school to enter the world of work, more precisely, the Polo Agreste Pernambucano Clothing has expanded in recent years and reached the Cariri Paraibano. In this sense, I tensed know to what extent this expansion has changed the configuration of the school Coxixola municipality and how it has effected these modes of action for reproduction, that permeate the practices of work-school relationship. Through an exploratory approach, I raised primary data through questionnaires filled out by sewing branch workers, which enabled the search for an explanation of the field of study, glimpsing understanding of production relations that weave the school life of the subjects coming from popular classes and what their relationship to the world of work. Moreover, I heard these agents through their daily experiences narrated as if daily builds this production cluster in micro-spaces of work, culminating in a very logic of capital operations and their reproductive institutions, especially the school. Cyclical maintenance of "heirs" is configured as the primary act in the consummation of the corporate reproductions, whose educational institutions expressly manifest spaces rigging this logic. Therefore, I sought to investigate how has been the relationship between work and education in the reproduction of social inequality, the result showed the early exit in view of the needs that accompany the popular classes, keeping thus its own and recurrent activities of society reproductions .

KEYWORDS: Education. Work. Polo de Confecção do Agreste Pernambucano. Coxixola. Reproduction.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO.....	17
2.1 HISTÓRIA DO POLO DE CONFECÇÕES.....	17
2.2 O POLO DE COSTURA NA ATUALIDADE.....	21
2.3 INFORMALIDADE DO POLO DE CONFECÇÕES.....	27
2.4 O POLO DE COSTURA NO CARIRI PARAIBANO.....	38
2.4.1 Polo de Costura em Coxixola/PB.....	42
3 A EDUCAÇÃO.....	47
3.1 A EDUCAÇÃO NO POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO.....	47
3.2 A EDUCAÇÃO EM COXIXOLA/PB.....	52
3.2.1 Dados Estatísticos.....	52
3.2.2 Costureiros e Educação: Formas De Reprodução.....	56
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
APENDICES.....	74
ANEXOS.....	80

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é o ato contínuo de produção daquilo que o ser humano necessita à sobrevivência. Estamos a ele ligados constantemente, objetivando satisfazer as necessidades de nosso espírito cuja demanda, torna-se, sem cessar, a condição diária de sobrevivência em sociedade.

O Homem se diferencia dos demais seres na medida em que retira da natureza elementos necessários à sobrevivência. De modo contrário aos animais, por exemplo, ele não se adapta a natureza, mas adapta a natureza a seu favor, para viver em sociedade. O ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome trabalho, a essência do homem. Mediante o trabalho o homem forma a história da humanidade, transformando-a e escrevendo-a (MARX, 2004). No momento que o trabalho cria relações sociais a educação se torna necessária à transmissão daquilo que é construído socialmente (SAVIANI, 2007). Por isso, a educação se insere, simultaneamente, nessa linhagem de formação do ser humano na medida em que a “produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo” (*Idem*. p.154). Assim sendo, ambas as atribuições formam nossos modos de agir e pensar, de ver o mundo que nos cerca, em suma, dos nossos modos de socialização.

Trabalho e educação sempre estiveram de mãos dadas. Foi a partir do momento que a propriedade privada passou a demarcar a sociedade por meio da luta de classes, que a educação dissociou-se do trabalho através da sua “institucionalização”, de forma que aos “homens livres” eram oferecidas as atividades intelectuais e aos “homens do trabalho” a educação de ofício, ambos os processos educativos passados de geração em geração (*Ibidem*).

Em outras palavras, a partir do momento que a sociedade passou pelo crivo da divisão social do trabalho e ensejou à divisão de classes, a educação se tornou um subproduto do mundo do trabalho, reservando modelos de educação diferenciados aos indivíduos que a compõe. É sobretudo com o advento da sociedade capitalista que esse processo ganha ênfase; acontece a racionalização da produção e do trabalho e, conseqüentemente, a separação entre trabalho e educação se dá de modo mais incisivo. O trabalho intelectual e o trabalho manual, concebidos de forma distintas, ensejaram novas formas de educação, cujo oferecimento não foi estendido homogeneamente a todos e, nesse sentido, deu origem a novas formas de atuação da educação em favor do mundo do trabalho (EUFRÁSIO, 2013).

A Escola de modo sutil tem reproduzido desigualdades que, não obstante, desembocam na desigualdade no mundo do trabalho e é sobre essa relação imbricada que nos debruçaremos no presente trabalho.

Partindo do pressuposto que o trabalho motiva as relações escolares, na medida em que projeta aos seus partícipes os postos de trabalho que irão ocupar futuramente, a pesquisa propôs uma análise do *Polo de Confeções do Agreste Pernambucano*¹ se valendo das contribuições no âmbito da “Sociologia do Trabalho” com a “Sociologia da Educação”, estes segmentos de importante investigação sociológica que, não raramente, tem impulsionado diversas pesquisas nesse sentido.

Considero importante fazer uma análise sob esse prisma pelo fato de haver grande número de pessoas que deixam muito cedo a escola para ingressar no mercado de trabalho, de tal forma que põe em questão o “por que” de a escola não cumprir com seu papel essencial que, em tese, deveria ser formar sujeitos críticos, cidadãos, emancipados e, que de alguma forma vissem na Escola² a possibilidade de melhoria de vida, sobretudo no que se refere ao mundo do trabalho. No entanto, percebe-se que há forte descrédito institucional, por parte da Escola contemporânea (CANÁRIO, 2008. p.76).

A cada dia a pirâmide de pessoas que concluem ao menos o Ensino Médio tem se afunilado ainda mais, de modo que tem produzido uma exclusão e insucesso³ de muitos que ingressam no campo educacional. É nesse sentido que a pesquisa quer trilhar: saber os “por quês” de tantas pessoas saírem cedo da Escola e entrar no mundo do trabalho precocemente. Feito isso, ousou ainda perguntar, em que medida o *Polo de Costura* tem corroborado com essa assertiva e, simultaneamente, investigar como a *costura* tem sido uma alternativa mais vantajosa àqueles que “fracassam” escolarmente.

¹ O *Polo de Confeções do Agreste Pernambucano* é um aglomerado produtivo que reúne unidades produtivas de diversas cidades do Pernambuco. Iniciado primeiramente na cidade de Santa Cruz do Capibaribe estendeu-se para Toritama e Caruru expandindo-se mais tarde para outros lugares. Essa denominação será utilizada neste trabalho, por ser a mais comum na literatura, bem como as abreviações *Polo de Confeções* ou simplesmente *Polo* – sobretudo esta última por considerar a expansão do aglomerado que não mais restringe-se ao Agreste do Pernambuco.

² Leia-se Escola como os processos educacionais que os sujeitos passam para a obtenção de determinado grau de instrução, podendo, inclusive, se referir ao Ensino Superior.

³ Leia-se “insucesso” e “fracasso” como definição “daqueles” que não conseguem concluir seus estudos no processo institucional de escolarização. Fica, pois, à margem a definição de “bem-sucedidos” quer seja do ponto de vista financeiro ou da vida pessoal, haja vista que o trabalho não contempla tal objeto de análise. Sendo assim, mediante a inculcação da “não acessibilidade” à escolarização de alto nível em vista das necessidades, entendo por “insucesso” este processo que abrange essa dimensão do sentimento de “impossibilidade” no que se refere às carreiras acadêmicas.

Com o crescimento exponencial que o *Polo de Confecções* vem tendo nos últimos anos no Cariri Paraibano, toda essa relação mundo de trabalho *versus* mundo educacional tem ocasionado imbricado e complexo contexto social, cuja relação causal encontra solo fértil à pesquisa. Mais precisamente, o município de Coxixola tem sido afetado com tal desenvolvimento, dada a sua proximidade geográfica com o *Polo*. Esse fator tem contribuído intensamente nesse processo de expansão que absorve a mão de obra local de tal forma que contribui na composição de relações sociais de produção entre os que estão inseridos no ramo da costura e, por conseguinte, tem influenciado a vida escolar local. Por isso, para efeito de recorte de objeto, resolvi restringir a pesquisa ao município citado, que não obstante, revela semelhança com o *Polo* em geral e as cidades que o compõe.

Como se trata duma pesquisa exploratória utilizei como técnica de pesquisa alguns questionários para fazer levantamentos necessários à abordagem. Esses questionários foram aplicados com 27 trabalhadores, em visita a 10 unidades produtivas no município de Coxixola, contemplando 8 *facções* e 2 *fabricos*⁴, escolhidos pela sua capacidade de representação quantitativa, isto é, os que empregam maior número de trabalhadores. Por não haver *Fábricas*⁵ no município de Coxixola, no sentido que a literatura sobre o *Polo* identifica, não pesquisou-se essa modalidade de unidade produtiva, reservando a esta tão somente menções para complementar nosso estudo e elucidar quando necessário o conceito.

Os lugares pesquisados foram, a sede do município e os sítios Campo do Velho, Serrote Apertado, São Joãozinho bem como o Assentamento Pinheiros. Essas informações colhidas abrangiam todos os trabalhadores envolvidos na costura dentro de cada unidade produtiva, exceto os patrões por entender que a lógica que rege a atuação de escolarização destes se configura de forma diferente em relação aos empregados. A visita a essas unidades também oportunizou a observação de elementos imprescindíveis à construção da pesquisa.

Somado a isso, realizei entrevistas com jovens costureiros para colher experiências vivenciadas reveladas nos discursos, não contemplados pelos questionários. Essas entrevistas

⁴ *Fabrico* é um lugar específico destinado à produção de roupas. Em geral concentra mais pessoas empregadas comparada às *facções*, contém toda ou grande parte da produção concentrada no próprio recinto, os trabalhadores cumprem expedientes pré-definidos e há pessoas responsáveis pela organização do processo (podendo ser o próprio patrão ou uma espécie de gerente). Já as *facções*, são locais onde se realiza parte do processo produtivo, que inclusive é distribuído em várias delas. Em geral são organizadas dentro da própria casa ou “puxadinhas”, garagens ou áreas desse tipo. Os empregados definem suas horas de trabalho mais livremente (já que estão na sua própria casa) e os patrões apenas deixam/enviam os produtos que devem ser devolvidos prontos.

⁵ *Fábricas* são empreendimentos de grande porte já consideradas como empresas que além de ter uma maior produção, tem uma estrutura mais organizada: formalização, carga-horária de trabalho, produção e vendas em atacado ou distribuição diretamente a outras empresas, gerenciamento e administração, entre outros aspectos.

foram feitas nas residências dos costureiros, por constatar que nas unidades produtivas, sobretudo no *Fabricos*, os trabalhadores se inibiam de contar suas experiências ficando mais a vontade em suas próprias casas.

Para as entrevistas foram escolhidos jovens de até 30 anos por entender que esses sujeitos tiveram maior acesso à Escola, uma vez que nas últimas décadas houve maior oferta educacional a eles, ao contrário de pessoas com idade mais elevada que não tiveram oportunidades de ingresso devido às necessidades que lhes eram postas. Assim, a investigação se dá no plano sutil da educação, onde há a oferta, porém não há uma correspondência do ponto de vista da demanda, já que muitos indivíduos saem desse campo por motivos nem sempre aparentes, mas que corroboram na manutenção das desigualdades sociais.

Um elemento assaz relevante a ser mencionado, para maior clareza científica, indispensável àqueles que doravante terão acesso ao presente estudo, é a minha aproximação com o campo de pesquisa. Durante onze anos trabalhei no ramo da costura e, vivenciei os vilipêndios que esta carga em seu bojo. Nesse sentido, apreender essa realidade de forma científica foi um trabalho árduo que certamente contém em sua tessitura um olhar de quem conhece intensamente todo esse processo, mas que buscou, na medida do possível, manter um “distanciamento” para fins de rigor científico. De modo análogo, poderíamos comparar minha proximidade com o campo de pesquisa àquilo que Lévi-Strauss (2008) indicou acerca da objetividade antropológica:

Não se trata de colocar-se acima apenas dos valores próprios à sociedade ou ao grupo do observador, mas de seus métodos de pensamento, de atingir uma formulação válida não apenas para um observador honesto e objetivo, mas para todo observador possível (STRAUSS, 2008. p. 386).

Dessa forma, torna-se relevante ponderar tais aspectos para se compreender como esse objeto se tornou imprescindível na formação do presente trabalho. O enfoque nessa pesquisa se diferencia às demais comumente realizadas no âmbito da Sociologia do Trabalho, visto que iremos partir do “insucesso educacional” dos sujeitos, que, por sua vez, encontram no mundo do trabalho a chance para obter um retorno mais imediato. Em outras palavras, percebendo-se incapaz de progredir na educação formal, pelo fato de não acompanhar o universo dos capitais exigidos pela Escola, as pessoas lançam-se no mercado de trabalho, diga-se de passagem, complexo e precarizado, já que este, por sua vez, tem sido solo fértil para o acolhimento das pessoas que a Escola não conseguiu esperar em relação ao futuro de seu trabalho.

Assim posto, esboçarei no primeiro capítulo uma rápida apresentação sobre o que é o *Polo de Confeção* para em seguida adentrar nas suas características. Tais características serão fundamentais para a compreensão das expectativas e concepção em relação ao ensino, que as pessoas inseridas nesse aglomerado têm. Enfaticamente, essa caracterização contemplará as expectativas reais dos trabalhadores em relação à educação no Cariri Paraibano, mais precisamente no município de Coxixola⁶.

Posteriormente, tratarei da realidade escolar que as pessoas inseridas nesse campo estão imbuídas. Perscrutar este universo por meio de dados primários, unidos aos depoimentos colhidos será a tarefa de nosso segundo capítulo. As narrativas de pessoas que tem suas vidas marcadas no ramo da costura serão fundamentais para explicar o campo das probabilidades, de forma que a partir da fala dos sujeitos irei mediar à teoria com a realidade.

Ao final, tecerei considerações sobre o trabalho realizado, apontando conclusões e questionamentos descobertos no caminhar da pesquisa.

Essa deverá ser a bússola que guiará o trabalho, construída sob a temática do insucesso escolar que motiva o mundo do trabalho, ambos numa estreita relação de colaboração mútua, na (re)produção das desigualdades, cujo resultado culmina numa sociedade de “excluídos escolarmente”, por assim dizer.

⁶ Ainda que alguns destes trabalhadores estejam fora do processo formal de escolarização, há em certa medida, um campo educacional que lhe é próprio, haja vista que os sujeitos já participaram desse processo e mantêm os papéis, instituições, atores, lutas, etc. específicos de suas vivências. Apenas há uma mudança do ponto de vista da configuração desse campo quando comparados com pessoas que ainda estão na Escola o que muda de ângulo para a observação, mas é inegável a existência deste na vida dos trabalhadores.

2 POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

2.1 HISTÓRIA DO POLO DE CONFECÇÕES

O Polo de Confecções do Agreste Pernambucano trata-se de uma região cuja produção de roupas é seu foco. De acordo com Vêras de Oliveira (2013, p.232) “trata-se de um aglomerado de atividade produtivas, comerciais e de serviços, especializado em confecção”. Essa região, diga-se de passagem, não meramente geográfica, tem tido grande importância para inúmeras cidades e estados, já que o *Polo* tornou-se referência nacional acerca da produção e comercialização de produtos como “calças, bermudas, saias, vestidos, blusas, *shorts*, *tops*, jaquetas, camisetas, roupas íntimas; para públicos femininos, masculinos e infantis” (Vêras de Oliveira, 2013. p. 234).

Sua origem remonta-se para a década de 1940 onde com a decadência da agricultura de subsistência e do ciclo do algodão passou-se a criar novas formas de atuação econômica para a sobrevivência. O destaque para essa transformação se dá, sobretudo, para as novas formas de convivências com o semiárido (ARAÚJO, 2012. p.3), dado a inviabilidade de outras formas de economia - como a agricultura - na região, em virtude do baixo índice pluviométrico, cuja característica marca a necessidade de adequar-se a essas variações climáticas. Sendo assim, urgia construir uma economia mais sólida e estável, balizada em novos parâmetros.

Com o declínio da produção algodoeira no Nordeste, cujo marco foi a concorrência internacional, sobretudo dos Estados Unidos e do algodão da São Paulo, emerge, segundo Lira (2011), a produção artesanal calçadista e de produtos ligados ao couro. Simultaneamente a essa produção artesanal, surgia também a produção com tecidos, e isso se dá com maior intensidade quando moradores da região levavam produtos diversos para serem comercializados na capital Recife e, em contrapartida traziam retalhos de tecido – que eram distribuídos gratuitamente no início - para confeccionar roupas, sobretudo para crianças.

Com o aumento da produção, esses *retalhos* passaram a serem comercializados, constituindo um novo posto de trabalho: os compradores de *retalho*. Os compradores passaram a buscar esses retalhos em São Paulo, devido a grande quantidade do produto na região do Brás. Assim, começa-se a consolidar a *sulanca*⁷ (LIRA, 2011.p. 85). Grosso modo,

⁷ Segundo Vêras de Oliveira (2013, p. 238, N. 7), a denominação *Sulanca* “deriva da corruptela das palavras ‘sul’ e ‘helanca’, se referindo às confecções produzidas com malhas vindas de São Paulo - do ‘Sul’.

a *sulanca* é a definição de produtos de baixa qualidade, com baixo custo de produção e preços abaixo dos valores de mercado, destinados à população de baixa renda da região e entornos.

Outra forma de disseminação da ideia da *sulanca*, conforme Lira (2011) foi através de vendedores ambulantes que percorriam diversas cidades da região, corroborando com o aumento da produção e consolidação do *Polo*. Ainda que não haja uma convergência sobre aquilo que de fato foi decisivo para o surgimento histórico do *Polo*, entende-se que todas essas situações colaboraram incisivamente na consolidação deste ramo de trabalho das pessoas.

Essa produção intensificou-se cada vez mais, constituindo, por sua vez, as “*feiras da sulanca*”, isto é, lugares específicos destinados à comercialização em atacado e varejo dos produtos confeccionados. Essas feiras efetivaram-se, sobretudo nos anos de 1970 e 1980 em Santa Cruz do Capibaribe⁸ e Caruru, respectivamente, e em Toritama fins de 1990. Note-se que esse período marca o declínio da indústria do couro, que nesse momento aumentava de custo, tornando a matéria prima ainda menos acessível, de tal forma que migrar-se-ia para a produção emergente: a costura.

A formação do *Polo* não resultou de grandes políticas públicas. Não houve planejamento prévio de investimentos por parte de órgãos estatais, coletivos e sindicais, mas uma incessante busca pela sobrevivência de pessoas que diante de situações adversas, sobretudo climáticas, tiveram de buscar saídas para driblar os desafios desse contexto. Para Cabral (2007), o mérito da ascensão produtiva desse aglomerado se deu pela via estrita de “agentes individuais” que procuraram sair da condição social que se encontravam e, de modo “inconsciente” promoveram a criação do *Polo de Confeccções*.

A formação do aglomerado se deu de forma autônoma, sem que, pelo menos diretamente, em sua trajetória, houvesse intervenções de políticas públicas determinantes. (...) Personagens pioneiros, no município de Santa Cruz do Capibaribe, ajudaram a construir um novo território, como novos significados sociais, econômicos e políticos, numa área que, a princípio, de outra forma estaria condenada à estagnação, como ocorre com a maioria dos municípios do semiárido nordestino (CABRAL, 2007. p. 243).

Em depoimento à FUNDAJ (*apud* Veras de Oliveira, 2008.p.12), um confeccionista narra como se deu esse processo inicial do *Polo*. Ao ser indagado sobre a que o mesmo

⁸ A cidade de Santa Cruz do Capibaribe é comumente chamada apenas de “Santa Cruz”, portanto, para acompanhar a lógica dos depoimentos das pessoas iremos nos referir à cidade de ambas as formas, se tratando a uma só.

atribuía o sucesso do *Polo* ele respondeu, em linhas gerais, que o poder público só interveio depois que viu no *Polo* poderia galgar uma possibilidade de sucesso. Vale a pena conferir o depoimento na íntegra que de forma resumida narra à formação desse aglomerado.

O fator aí é a teimosia dos empresários daqui, o pessoal aí é teimoso ao extremo, as coisas dão errado e eles vão em frente, dão errado e eles vão em frente, até que uma hora dê certo. Parece aqueles agricultores do passado que todo ano plantavam, todo ano perdiam, mas eles diziam: ‘ano que vem vai chover e a gente lucra!’. Então, a gente está numa região inóspita que não tem infraestrutura, que não tem nenhuma promoção adequada à divulgação do mercado, mas ao mesmo tempo assim existem pessoas aguerridas que lutam bravamente para fazer valer as suas opiniões e fazer prosperar sua atividade. Resultado, terminou se consolidando um Pólo de confecções aqui na região e esse Pólo de Confecções se firmou sem nenhuma intervenção direta das três esferas do Governo. Os governos depois foi que perceberam que havia aqui uma atividade pujante que gerava emprego, gerava renda, que era um diferencial para o Estado e para a região, que não tinha nenhuma ação deles. Então eles disseram, ‘olha, vamos ajudar’. (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2000? p.12).

O Estado só viera intervir na produção do *Polo*, depois que este havia se consolidado. Essa intervenção só veio acontecer, naquilo que Cabral (2007) chamou de 3ª fase do Polo, ainda que num plano mais nacional que local. Essa fase marcou o início da industrialização cujo modo de atuação requereu uma maior organização das linhas de produção, comercialização e venda e, nesse aspecto, foi necessária a intervenção estatal. O que é válido salientar no momento é a perspicácia do povo dessas cidades em atuar de forma economicamente diferente, capaz de modificar anos de tradição de mercado agrícola e criação de animais, culminando, dessa forma, na gênese histórica desse aglomerado produtivo.

Essa formação foi aumentando gradativamente e evoluindo de forma positiva. Segundo Cabral (2007, p.94), essa evolução pode ser dividida em quatro momentos essenciais que demarcam dinâmicas próprias, arranjos produtivos, bem como modos de produção diferenciados e produtos finais distintos em cada momento desses. Ainda que o mesmo autor tenha como objeto de pesquisa a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, esta reflete em certa medida aquilo que os municípios, cujo ingresso no ramo foi posterior, vivenciaram na consolidação de seus modos atuação⁹.

⁹ Ainda que não citados diretamente por Cabral (2007), podemos associar essas fases também as cidades pioneiras, como Toritama e Caruaru, mesmo que estas tenham tido dinâmicas próprias. O que pretendo chamar a atenção é para o fato de que nessas cidades, apesar das características diferenciadas, o processo de consolidação se deu de forma similar. Portanto, quando nesta tabela aparecer Santa Cruz do Capibaribe, leia-se “*Polo de Confecção inicial*”.

ATIVIDADE	1ª FASE (1949-1966)	2ª FASE (1967-1979)	3ª FASE (1980-1989)	4 FASE (1990-2005)
COMPRAS	Insumo Principal: Retalhos de tecidos de fábricas do Sul e de Recife. Máquinas: Vendas/Recife	Insumo Principal: Adoção de tecidos populares e de melhor qualidade. Atacadistas locais. Máquinas: Vendas/Recife	Insumo Principal: Tecidos de atacadistas locais e do Sul/ Sudeste. Algumas compras diretas nas fábricas. Máquinas: Vendas /Santa Cruz	Insumo Principal: Tecidos de atacadistas locais e do Sul/ Sudeste. Maiores compras diretas nas fábricas. Máquinas: Vendas Sta.Cruz, Caruaru e Toritama
CRIAÇÃO	Processo: Artesanal Intuitivo	Processo: Artesanal Intuitivo	Processo: Estilistas Amadores	Processo: Estilistas profissionais. Modelagem computacional
PRODUÇÃO	Local principal: Domicílios urbanos e rurais Processo: Artesanal Máquinas e equipamento: manual, a pedal, adaptadas e elétricas	Local principal: Grandes, pequenas e micro unidades produtivas Processos: Transição para fase industrial Máquinas e Equipamento: Introdução de máquinas industriais de baixa Rotação	Local Principal: Fechamento de fábricas de maior porte. Permanência das micro e pequenas. Processos: Esforços de modernização fordista Máquinas e Equipamento: Prevalência de máquinas industriais	Local Principal: Consolidação das micro e pequenas unidades. Processos: Modernização industrial Equipamentos e Máquinas industriais modernas, eletrônicas e computadores (CAD/CAM)
VENDAS	Local: Ruas de Santa Cruz e feira municipal da cidade e de outras cidades do interior de PE e do Nordeste. Agentes: Produtores, caminhoneiros e intermediários (mascates) Clientes: Baixa renda, trabalhadores da	Local: Expansão para outras cidades do interior de PE e do Nordeste. Agentes: Produtores e Intermediários Clientes: Baixa renda, trabalhadores da cana-de-açúcar e outras culturas. Produtos: Popular e de	Local: Início das feiras de Caruaru e Toritama. Expansão para outras cidades do interior de PE, do Norte e Nordeste. Lojas próprias. Agentes: Produtores e Intermediários Clientes: Baixa e média rendas. Produtos: de melhor	Local: Lojas modernas. Três grandes polos comerciais. Cadeias de lojas e shopping centers em capitais do NE, Sudeste e Sul. Compradores de outros países. Agentes: Representantes, escritórios de vendas e exportadores

	cana-de-açúcar. Produtos: Roupas rústicas, colcha de retalhos, vestidos femininos, roupas de criança e trabalhos de campo	melhor qualidade	qualidade e jeans de qualidade baixa e média.	Clientes: Baixa, media e alta rendas. Produtos: Jeans de marca. Faixas B e C. Marcas próprias, moda praia, surf e streetware e moda íntima. Introdução de adereços e etiquetas.
--	--	------------------	---	--

Tabela 1. A trajetória tecnológica e de mercado do aglomerado por atividade. Fonte: CABRAL, 2007. p.106.

As fases presentes na história do *Polo* mostram claramente a ausência de grandes políticas públicas voltadas à região para o setor num primeiro momento. A formação deste aglomerado se deu pela via de “agentes individuais” que insistiram nessa possibilidade de sobrevivência de tal forma que mais tarde será difícil para que o Estado regule e fiscalize as ações ali presentes. Isso gerará informalidade em larga escala e precarização exacerbada em todos os setores que envolvem esse ramo. Os governantes locais só intervirem propriamente no *Polo* na quarta fase, quando da formação de espaços específicos para a comercialização, de modo ainda secundário, haja vista que fora apenas cedido terrenos para a construção desses ambientes que, em sua maioria, fora construído por um grupo de empresários e administrados por sindicatos e associações de comerciantes.

Essa relação imbricada produziu nuances que ainda hoje persistem dentro do *Polo*. Elementos como a precarização do trabalho, informalidade, subcontratação e terceirização, são aspectos inerentes deste aglomerado que se explicam em sua formação. Para entendermos a dinâmica do *Polo* atual tornou-se necessário buscar as bases que formaram esse ambiente de produção, cujo trabalho foi realizado nessa seção. Feito isso, urge apreender essa relação pioneira na forma como está configurado hodiernamente o *Polo* e qual sua correlação com as bases que o fundou.

2.2 O POLO DE COSTURA NA ATUALIDADE

Diante da proporção tomada pelo Polo em todo o estado de Pernambuco e nas áreas fronteiriças, torna-se difícil mensurar as dimensões desse imenso aglomerado produtivo. Compradores e vendedores de todo o Brasil e de inúmeros países tem frequentado a região em busca dos produtos ali confeccionados, no intuito de obter sua renda ou montar sua empresa através da confecção e/ou comercialização da *sulanca*. Com a crescente demanda dos produtos potencializou-se cada vez mais a criação e sofisticação de *fabricos e facções*, tanto no que se refere à produção, quanto no que diz respeito à comercialização dos produtos.

Como ressalta Bezerra (2011.p.63) o “*Polo do Agreste* vem se configurando uma realidade em expansão. Considerado o segundo maior *Pólo de Confeccões* em importância econômica do país, ele colocou o estado de Pernambuco em uma posição de destaque no cenário da moda e da confecção”.

A abrangência de novas cidades cada vez mais de torna comum nesta realidade. Segundo o DIEESE (2010) nos últimos anos o Polo expandiu-se para municípios como Taquaritinga do Norte, Brejo da Madre de Deus, Jataúba, Vertentes, Riacho das Almas, São Caetano, Surubim e para outros Estados como é o caso da Paraíba, cuja influência está extremamente ligada, sobretudo, com o Cariri Paraibano (BEZERRA, 2011.p.63).

Já para o SEBRAE (2013. p.17), esta abrangência vai ainda mais além, contabilizando, também, municípios como Agrestina e Cupira – somados aos municípios acima citados, formam o chamado *Polo-10*¹⁰ -, além dos municípios pioneiros no ramo, como Caruru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, que aparecem em ambos os estudos. Ainda na mesma pesquisa, o SEBRAE afirma a dimensão do Polo de Costura no Estado, de modo a abranger ainda mais cidades, não englobadas na pesquisa.

A decisão de limitar o estudo ora relatado a esses dez municípios teve razões administrativas, mas o Sebrae-PE reconhece que existe atividade produtora de confecções com intensidade relevante em outros locais de Pernambuco. Tanto é assim que, em um ‘Termo de Referência’ elaborado em 2009 pela instituição, 18 municípios (nem todos do Agreste) eram listados como aqueles em que deveria ser aplicada a então projetada pesquisa de campo. Além dos dez [...], seriam incluídos, no Agreste, Belo Jardim e Gravatá; na Região Metropolitana do Recife, Abreu e Lima, Camaragibe, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Recife e Paulista. Outros estudos apontam Passira e Pesqueira, ambos no Agreste, como lugares onde também já existiriam concentrações significativas de produtores de confecções. (SEBRAE, 2013. p.17)

¹⁰ Esta pesquisa realizada pelo SEBRAE no ano de 2013 e teve como finalidade principal prestar consultoria à região. Para recortar a amostra necessária à pesquisa, a instituição escolheu 10 cidades que melhor representam o Polo de Confeccões. As cidades pesquisadas foram: Agrestina, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Cupira, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim, Taquaritinga do Norte, Toritama e Vertentes.

Além das cidades já elencadas no estudo do SEBRAE, Lira (2009) acrescenta à lista mais seis municípios: Jataúba, Santa Maria do Cambucá, Frei Miguelinho, São Caetano, Altinho e Sanharó, deixando, inclusive, em aberto a possibilidade de haver mais cidades nesse rol, quando coloca ao final um “etc”. O fato que queremos chamar a atenção é para a enorme proporção que o *Polo* tomou nos últimos anos.

Para efeito de recorte do objeto pesquisado, tomarei, como parâmetro de análise, nesse ponto do trabalho, as cidades abordadas no Estudo do Arranjo Produtivo Local (APL) de Confecções do Agreste Pernambucano feito pelo SEBRAE, acrescido das cidades citadas por Lira (2009)¹¹, para se referir ao *Polo de Costura*. Tal opção de representação se dá pelo fato de ser estes municípios os mais conhecidos ao se tratar do *Polo*, sem querer, no entanto, restringir essa abrangência a estas cidades, uma vez que esse aglomerado cresce cada vez mais. Para ilustrar melhor a representação de nossa investigação segue a imagem geográfica dessa região.

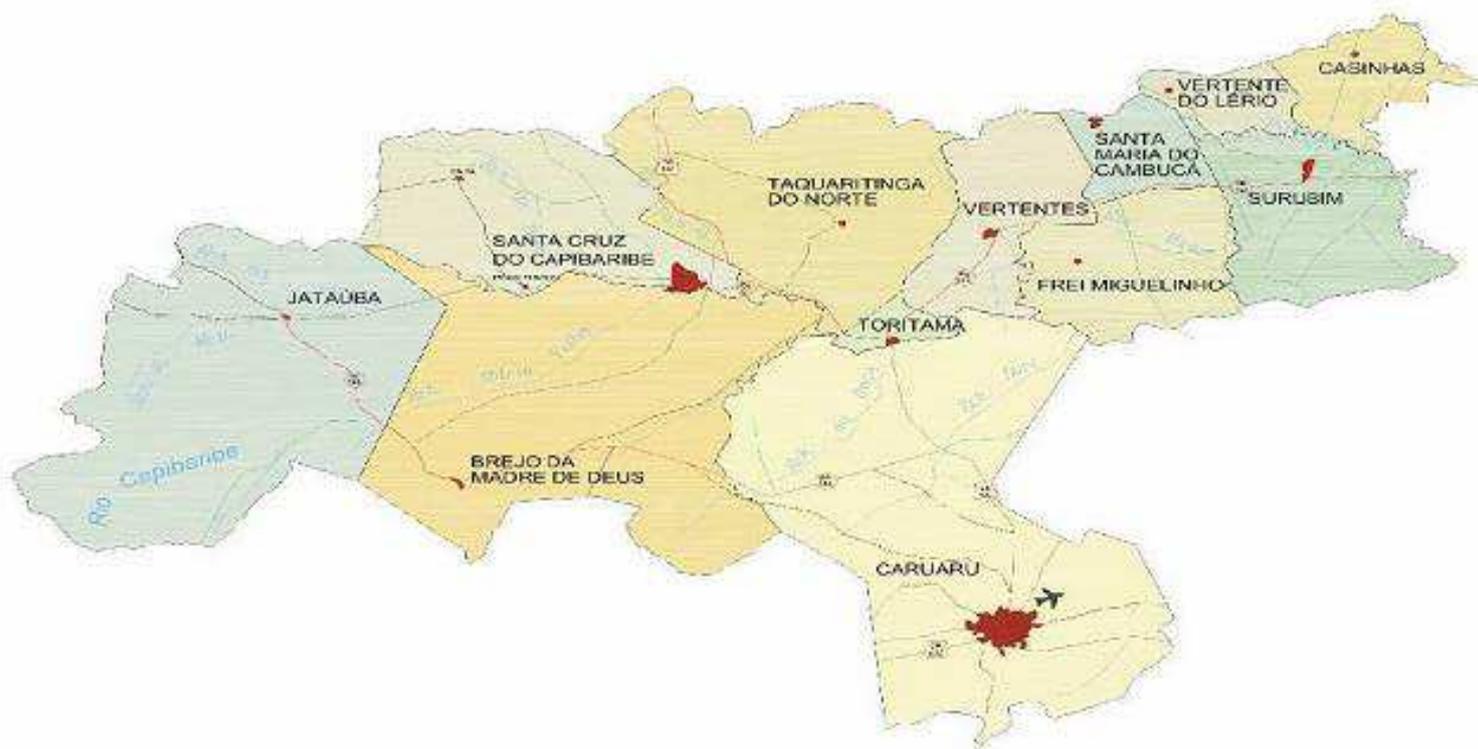


Imagem 1. Mapa do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano. Fonte. CABRAL, 2007.p.115.

¹¹ Não colocamos todas as cidades citadas pela mesma autora pelo fato de haver pouco consenso no que se refere a abrangência dessa região. Uma vez que não podemos demarca-la geograficamente, utilizaremos as cidades mais citadas na literatura referente ao Polo.

No que se refere aos números de unidades produtivas em cada município, percebe-se que há predominância dessas unidades em municípios pioneiros na confecção, como no caso de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama, respectivamente. No entanto, como o alargamento dessa abrangência e migração de pessoas para outras cidades do entorno, vêm crescendo cada vez mais o Polo na região, de modo que diversos municípios têm sido contemplados com essa disseminação.

Municípios	Número de Unidades Produtivas	% do Total
Agrestina	299	1,6
Brejo da Madre de Deus	1.396	7,4
Caruru	4.530	24,1
Cupira	135	0,7
Riacho das Almas	415	2,2
Santa Cruz do Capibaribe	7.169	38,1
Surubim	454	2,4
Taquaritinga do Norte	1.185	6,3
Toritama	2.818	15,0
Vertentes	401	2,1
Total dos dez municípios (Polo-10)	18.803	100,0

Tabela 2. Estimativa de unidades produtivas de confecções nos dez municípios pesquisados. Grifo meu.

Fonte. SEBRAE, 2013.p.28.

Como percebe-se na tabela acima, há grande quantidade de unidades produtivas nesses municípios, com destaque para os municípios que deram origem ao *Polo*. Toritama, Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe concentram a maior parte das unidades produtivas. Cada uma destas unidades produtivas empregam inúmeras pessoas, que normalmente são familiares ou conhecidos, através dos *fabricos*, *fações* e *fábricas*¹². Segundo Raposo e Gomes (*apud* Veras

¹² Na literatura sobre o Polo de Confecções, há uma distinção, feita por autores diversos, acerca desta nomenclatura. Segundo Vêras de Oliveira (2013), “Fabrico é a denominação local para as unidades produtivas familiares, com o funcionamento em geral domiciliar, de caráter informal, sendo que gradativamente foram comportando dimensões variadas. [...] As fações, são unidades produtivas em geral constituídas em condições ainda mais precárias, quando comparadas aos fabricos, e que se caracterizam por atender sob a condição de subcontratadas, as demandas de fábricas e fabricos, se especializando na realização de uma ou algumas tarefas

de Oliveira, 2000?.p.8), no começo do ano 2000, estimava-se que durante uma semana, cerca de 45 mil pessoas frequentavam esses três municípios, concentrando nas segundas, terças e quarta (dia de feira nessas cidades).

Para se ter uma dimensão da grandiosidade dessa mobilização econômica, que gira em torno do setor, basta observarmos os dados quantitativos de cada centro comercial destinado à comercialização desses produtos. No *Parque das Feiras*, situado em Toritama, foram inaugurados 875 *boxes*¹³ que tornaram-se insuficientes diante da demanda, sendo necessário a construção de mais 110 lojas. Some-se a isso, as barracas instaladas nas áreas não cobertas, abrigando no total, cerca de 2 mil pessoas. Caruaru, por sua vez, contém, no *Pólo Comercial de Caruaru* 530 lojas, acrescido daqueles que colocam suas barracas no entorno do *Pólo Comercial*, cujos números são imprecisos. Já Santa Cruz do Capibaribe, compreende 9.624 boxes e 707 lojas, destinadas à comercialização sem levar em consideração os inúmeros barraqueiros que, como nos casos anteriores, não são contabilizados pela falta de precisão dos dados.

Atualmente, há uma produção em larga escala escoada dessa região. Para se ter noção da proporção que este aglomerado vem ganhando nos últimos anos, basta dizer que 15% do *jeans* nacional tem saído do município de Toritama, cujo posto galgou a primeira posição no Norte e Nordeste na produção desse setor (RAPOSO e GOMES, *apud* VERAS DE OLIVEIRA, 2000?. p.4).

O PIB dessas cidades estão entre os maiores do Estado de Pernambuco. As três cidades pioneiras registraram de 1999 a 2008 uma melhoria no Produto Interno Bruto significativa. Caruaru lidera o ranking das cidades sendo o 7º colocado no Estado, computando 198% de acréscimo nesses nove anos; já Santa Cruz do Capibaribe registrou um aumento no PIB de 237,6%, cujo número deu ao município a ascensão do 23º ao 19º PIB do Estado; por seu turno, Toritama seguiu o mesmo ritmo de evolução (310,4%) passando de 60ª à 55ª posição entre os maiores PIB's do estado de pernambucano (VERAS DE OLIVEIRA, 2000? p.5).

Apesar das nuances que o *Polo* possui em seu bojo, no que diz respeito à precarização do trabalho, tem sido uma importante via de fomento à industrialização e formas de

do processo de produção". Mais tarde, o mesmo autor acrescentará o termo "*Fábricas*" para designar os locais específicos à produção, diferenciando-se dos "*Fabricos*", que em geral são lugares divididos entre a produção e a moradia de pessoas, grosso modo.

¹³ Espaços com uma área de 3m² (em média), cada um. Estes são comprados pelos comerciantes, que em seguida devem pagar um taxa de condomínio à administração do centro comercial.

sobrevivência do povo que ali vive, empregando cerca de 76 mil pessoas em todo o *Polo*¹⁴ (*Idem*). Hoje, não se fala mais em produtos artesanais feitos com baixa qualidade – o que rendia às peças produzidas o termo *sulanca* -, mas um forte investimento por parte de diversos setores que têm feito com que a produção seja feita em curto lapso de tempo, com eficiência e qualidade. Isso se deve, em parte, àquilo que Cabral (2007. p.106) chamou de “quarta fase” do processo de consolidação do *Polo de Costura*, abordado anteriormente. Em outras palavras, não encontramos mais um *Polo* semi-artesanal como antes, mas uma estrutura cujas dimensões são extremamente grandiosas e complexas de tal forma que perpassa a relação unidade produtiva versus comercialização ensejando, desse modo, relações cada vez mais imbricadas no que diz respeito às formas de atuação do Capital contemporâneo.

Na quarta fase do *Polo*, não se tem mais a “*sulanca*”, e sim produtos de qualidade; não encontramos mais as “as feiras da *sulanca*”, mas centros comerciais grandiosos específicos para a negociação dos produtos. Eis, enfim, uma rápida explicação daquilo que é o atual *Polo de Costura*:

Chamam atenção a contratação de estilistas profissionais e a participação em desfiles de modas, lançamento de coleções, feiras e exposições nacionais e internacionais. No tocante às vendas, destacam-se a utilização de computadores para controle de clientes e programação de vendas, o acesso a novos mercados com as rodadas de negócios, missões empresariais, inserção de logomarcas na mídia, cursos, seminários e a implantação de três grandes centros comerciais, como tentativas de substituição às feiras tradicionais (CABRAL, 2007. p. 99).

O mesmo autor, no trabalho supracitado ressalta ainda a implantação de Instituições de ensino que direcionaram suas ações à criação de cursos técnicos, voltados à produção local e, até mesmo, cursos superiores como design, administração, contabilidade, etc. todos eles, corroborando na sistemática de consolidação da quarta fase do *Polo*.

Hodiernamente, o *Polo* movimenta algo em torno de 144 milhões de reais ao mês, segundo Veras de Oliveira, e R\$ 1,7 Bilhões anualmente, conforme aponta Lira (2009) ressalta ao citar Pernambuco (2003). As três cidades pioneiras que deram impulso as atividades da *sulanca* encontram-se entre as dez cidades com maior renda per capita no estado de Pernambuco.

¹⁴ Esse dados são apenas uma estimativa, uma vez que o mesmo autor, no mesmo trabalho, afirma que não há dados precisos sobre o *Polo* que ainda está em expansão e, devido ao grande número de unidades informais não se pode precisar os números.

MUNÍCIPIOS	RENDA PER CAPITA (ANO/ 2010 ¹⁵)
Recife	1.144,26
Fernando de Noronha	1.034, 14
Olinda	640,13
Petrolina	605,06
Jaboatão dos Guararapes	593,90
Caruaru	553, 90
Paulista	528,04
Santa Cruz do Capibaribe	507, 05
Garanhus	492,44
Camagaribe	473,78
Toritama	470,44

Tabela 3. Renda per capita anual. Tabela formulada pelo autor. Grifo meu. Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2010.

Essa mesmas cidades do *Polo* estão entre os melhores IDH's renda do estado de Pernambuco, ocupando os seguintes patamares: Caruru em 6º lugar, Santa Cruz do Capibaribe 8º e Toritama em 11º que, apesar de ter descido no ranking dos últimos anos, registra perca irrisória comparada à 10ª posição, mantendo números de 0,681, 0,667, 0,655, respectivamente (Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2010). Essas cidades apesar de apresentarem população pequena em relação aos grandes centros concorrem com atividades de grandes investimentos públicos e privados como é o caso de portos, a exemplo de SUAPE e a fábrica da FIAT, no mesmo estado. As cidades que compõem o *Polo* quase não registram pessoas fora do rol de empregados, o que torna-se campo fértil à investigação para avaliar em que medida essa taxa de emprego tem produzido efeitos, quer “positivos” ou “negativos”, revelando quais e como eles se reproduzem, de tal forma, a serem desvendados e discutidos nas seções a seguir.

2.3 INFORMALIDADE DO POLO DE CONFECÇÕES¹⁶

¹⁵ Preferi colocar os dados anuais pelo fato de haver oscilações constantes na renda do *Polo*. Uma vez que o período de vendas se concentra no final de ano, em junho e na época do carnaval, tomamos como referência esse intervalo para oferecer maior fidelidade à pesquisa.

¹⁶ É importante lembrar que ao se referir ao *Polo*, refiro-me não mais somente às cidades do Pernambuco que desenvolvem tal atividade – como discutido no histórico desse aglomerado. Como demonstrei na seção anterior, o fato da expansão ter sido cada vez mais frequente, abrindo margem à inserção de novas cidades, a exemplo do Cariri Paraibano, possibilita a abertura do conceito a outras cidades que o compõe, inclusive o município de Coxixola.

Um aspecto do *Polo* que merece ser discutido é a informalidade. Talvez, este, seja o elemento mais ponderado nas pesquisas que se debruçam sobre o *Polo de Costura*, dado que com ele traz consigo outros aspectos como a precarização do trabalho, a subcontratação e terceirização, acumulação flexível, etc. temas que estão na ordem do dia, sobretudo naquilo que diz respeito à dinamização do trabalho em face das novas formas de atuação do capital.

A composição das unidades produtivas do *Polo* são majoritariamente familiares. Essas unidades, quer se configurem como *fábricas*, *fabricos* ou *facções*, são, de modo geral, constituídas por pessoas muito próximas que, não obstante vão montando seu próprio negócio e, posteriormente, começam a “contratar” familiares para ingressar em sua unidade.

Esse aglomerado produtivo compõe-se em grande medida por trabalhadores informais tradicionais, isto é, trabalhadores que são inseridos nas atividades cuja prerrogativa é a baixa capitalização, objetivando obter uma renda para consumo, tanto individual quanto familiar (ANTUNES, 2015. p.247). Ainda dentro dessa categoria, há aqueles que são classificados entre os “menos instáveis” e os “instáveis”, (*Ibid.*). O *Polo* por ser um aglomerado bastante diversificado possui em sua composição ambas as formas, entretanto, concentra grande parte dos trabalhadores assalariados no grupo dos “menos instáveis” haja vista que o conhecimento específico adquirido facilmente por meio da experiência, nas respectivas áreas de atuação profissional, galga ao trabalhador a possibilidade de ter uma “profissão” e mesmo havendo a saída de uma empresa, por exemplo, lhe permite o ingresso em outra sem muita dificuldade.

Pelo fato de ser um campo de trabalho onde não exige grande experiência no setor, de forma que as pessoas aprendem na própria unidade produtiva que são inseridas, estas são introduzidas desde cedo no ramo da confecção de tal forma que geram-se ciclos “familiares” de trabalhadores dentro desses espaços. Esse processo se verifica nos depoimentos que colhemos acerca do ingresso dos trabalhadores no ramo da costura.

Conta certa mesmo sem parar é quase 5 anos [O tempo de trabalho]. Mas só que desde de pequeno eu trabalhava com meu pai. Quase toda semana eu trabalhava com meu pai, desde pequeno, desde os oito anos de idade (Rafael, 15 anos. 29 de Março de 2016)

[a patroa contratou] através de uma amiga minha que trabalhava, no caso que era Milena. Aí ela começou perguntando lá, e Milena disse a ela [patroa]... começou a me chamar pra trabalhar (Lívia, 21 anos. 29 de Março de 2016)

[comecei na costura] por bastante influência de minha família que desde a minha vó até hoje... pelos meus tios também que sempre trabalharam em costura. (Pedro, 24 anos. 16 de Abril de 2016)

Tive incentivo, assim, de Luíz (marido), Antônio (cunhado), César (dono de um fabrico na região e primo do marido); eu num sabia costurar não, aí comecei a costurar pra César, naquele tempo. [...] aí depois que eu parei de costurar ‘modinha’ eu agora tô costurando mais Júlia [cunhada], aí agora é casaco, vestido, também [facção]. (Marcela, 45 anos. 16 de Abril de 2016)

[tempo de ingresso] uns dez anos, aí eu tinha meu irmão que costurava – Jacinto, que costura ainda -, aí eu achava interessante eles costurar aí eu queria aprender, eles me ensinaram, até hoje costuro. (Francisca, 23 anos. 05 de Maio de 2016)

Essa estreita relação que há entre as famílias e as unidades de produção é mensurada quantitativamente pelo SEBRAE (2013) presentes na tabela abaixo.

NÚMERO DE UNIDADES PRODUTIVAS EM QUE HÁ FAMILIARES DO PROPRIETÁRIO TRABALHANDO		
Empresas	Empreendimentos Complementares (Facções) ¹⁷	Total de Unidades Produtivas
7.581	5.183	12.764

Tabela 4. Número de Unidades Produtivas que há familiares trabalhando. Fonte: SEBRAE (2013)

Eis uma das maiores nuance que o *Polo* comporta em sua tessitura. Como são relações de produção marcadamente próximas, o trabalho dessas pessoas fica a cargo dos patrões, que são seus próprios familiares. Elementos como carga-horária de trabalho, preço dos salários, posto profissional a ser ocupado e definido, etc. são decididos pelo pai, pela mãe, tios, vizinhos, isto é, pessoas numa estreita relação com o empregado. Nesse sentido, a configuração do trabalho informal ganha ainda mais ênfase, dado que as pessoas que trabalham no *Polo* não querem, por exemplo, suas carteiras assinadas, pela simples razão do pagamento de impostos que será feita pelos próprios integrantes da renda familiar. Se assim for feito prejudica-se toda a cadeia produtiva do “empreendimento-familiar”.

¹⁷ O estudo do SEBRAE (2013) define “empreendimentos complementares” da seguinte forma: “é a unidade produtiva que desempenha tarefas que correspondem a etapas do processo produtivo de confecções, como costurar peças de uma calça e/ou produz partes ou componentes das confecções, como forros de bolsos de calças e outros”.

Quando essa relação não é familiar, há uma dependência muito grande por parte do trabalhador com o patrão. Como nos relata Milanês (2015) ao descrever a relação com o empregador que empresta suas máquinas sem nenhum custo a ser cobrado nas facções, fica patente a “relação amigável” que se tem com o dono do empreendimento.

Se por um lado, o fato dos “patrões” disponibilizarem as máquinas no Agreste pernambucano e permitir que as pessoas que não tem acesso a esse bem não fiquem fora do mercado de trabalho, por outro, essa circunstância gera uma relação de dependência muito forte, pois a partir do momento em que tal pessoa lhe fornece uma máquina para trabalhar, você só pode costurar para ela, caso contrário, muitos conflitos podem surgir (MILANÊS, 2015. p. 93)

Esse estado de dependência que permeia a relação patrão-empregado cria um ambiente de lealdade muito intenso. Comparativamente, seria uma espécie de dádiva, descrita por Mauss (1872-1950), onde o valor da retribuição àquele que lhe ofereceu um posto de trabalho constitui um valor simbólico. No caso do *Polo*, quando se empresta máquinas, contrata um trabalhador e emprega na sua confecção, o sentimento de gratidão por parte daquele que está sendo empregado não permite que haja qualquer denúncia de fiscalização ou reivindicação por direitos, já que é inconcebível o fazê-lo diante daquele que “lhe deu à mão”.

Por outro lado, se não há uma relação próxima com o patrão ou há independência no trabalho, surge outro elemento por parte das pessoas empregadas que é a aspiração pela aposentadoria rural. Quando não se trata duma pessoa jovem trabalhando, esta, normalmente, não almeja a formalização de seu trabalho em vista da aposentadoria que lhes é mais próxima e conveniente. Tal constatação evidenciou-se no depoimento de um de nossos entrevistados.

[trabalho] com facção. Carteira assinada eu nunca trabalhei não. Trabalho em casa e tem os donos... pro's outros, pego as peças e entrego pronta. [...] nunca trabalhei quando era nova, agora depois de velha num vou trabalhar de carteira assinada, não.(Júlia, 25 de Março de 2016)

É por meio desse conjunto de fatores que a dinâmica do *Polo* tem produzido intensa informalidade. A pesquisa realizada para este trabalho registrou um percentual de 100% de trabalhadores que não possuem carteira assinada¹⁸. Esse tipo de informalidade presente no *Polo* se configura muitas vezes como um trabalho “informal tradicional” (ANTUNES, 2010) onde há maior estabilidade temporal do trabalhador no posto que ocupa, porém sem os direitos básicos ao trabalho digno, contemplados.

¹⁸ A pesquisa foi realizada em 2 Fabricos de porte médio, 1 Facção e 7 casas que mantêm uma estrutura de facção, sendo que estes, possuem um número mais reduzido de máquinas e trabalhadores. No total, foram pesquisadas 27 pessoas que trabalham diretamente com a costura e são profissionais de carreira na área.

Entendendo a informalidade como Cacciamali (1983 *apud* ALVES e TAVARES, 2006) concebe, percebe-se claramente a mesma dinâmica do trabalho informal dentro do *Polo* conforme sua caracterização a seguir.

Os trabalhadores informais tradicionais estão inseridos nas atividades que requerem baixa capitalização, buscando obter uma renda para consumo individual e familiar. Nessa atividade, vivem de sua força de trabalho, podendo se utilizar do auxílio de trabalho familiar ou de ajudantes temporários (ALVES e TAVARES, 2006. p.431).

Na seara do *Polo* ainda coexistem dois subgrupos principais de trabalhadores: os menos instáveis, que perduram por mais tempo nos postos que ocupam, porém não têm seus direitos garantidos por meio da formalização e os instáveis que são recrutados temporariamente e pagos por peças ou serviço realizado (*Idem*). Temos também os trabalhadores assalariados sem registros e os trabalhadores por conta própria. Todas as categorias imbuídas das características da informalidade, qual seja: precarização e a não garantia dos direitos como férias, licenças por motivos de saúde – que inclusive ocasiona o não recebimento do salário quando se para de trabalhar, pois seu salário depende de sua produção -, dentre tantos outros aspectos.

Vale ressaltar que o trabalho a domicílio constitui a ponta mais precária de toda a cadeia produtiva presente no *Polo*. Contudo, apesar dessa configuração se dar de forma abrangente, “as formas de subcontratação envolvendo o trabalho a domicílio não ocorrem da mesma forma no tempo e no espaço” (BEZERRA, 2011.p.102).

De toda forma, apesar de haver diferenças na dinâmica de atuação do *Polo* entre localidades, via de regra, contamos com forte homogeneidade no que se refere aos aspectos de composição das unidades produtivas e informalidade, nelas presentes.

Para se ter dimensão da proporção da informalidade, basta dizer que em 2003, das 12 mil unidades estimadas no *Polo* apenas 8% eram formalizadas (RAPOSO e GOMES, 2003 *apud* EUFRÁSIO, 2013.p.132). Em 2012, nos dez municípios estudados pelo SEBRAE, foram contabilizadas mais de 100 mil pessoas empregadas na produção de peças de vestuário. Comparativamente, todo o estado de Pernambuco emprega, formalmente, pouco mais de 200 mil pessoas (EUFRÁSIO, 2013.p.132). Trocando em miúdos, se todas as pessoas empregadas no *Polo* estivessem na lista de trabalhadores formais, indubitavelmente esse número de 200 mil elevar-se-ia de forma ascendente, já que mais da metade desse percentual atualmente registrado se concentra nas cidades que compõem o aglomerado. Dito isto, evidencia-se a

grande informalidade presente em todo o *Polo de Costura*, como sugere dados na tabela abaixo.

Municípios	Número de Unidades Produtivas¹⁹	Número de pessoas ocupadas	Unidades produtivas Informais	Unidades Produtivas Formais²⁰
Agrestina	299	1.402	261	38
Brejo da Madre de Deus	1.396	7.508	1.173	223
Caruaru	4.530	24.963	3.568	963
Cupira	135	1.286	113	22
Riacho das Almas	415	2.629	339	76
Santa Cruz do Capibaribe	7.169	38.973	5.820	1.349
Surubim	454	3.184	304	150
Taquaritinga do Norte	1.185	6.072	1.057	128
Toritama	2.818	17.750	2.174	644
Vertentes	401	3.338	329	72
TOTAL	18.803	107.177	15.138	3.666

Tabela 5. Fonte: Estudo econômico do Arranjo Produtivo Local de Confeções do Agreste Pernambucano, SEBRAE, 2013

As principais características dessa informalidade não é apenas a ausência de CNPJ, cujo indicador torna-se importante ferramenta à pesquisa. Nas unidades produtivas têm-se cada vez mais trabalhadores assalariados sem registro que não têm direitos sociais e trabalhistas garantidos (ALVES e TAVARES, 2006). Portanto, essa configuração perpassa a relação unidades produtiva/CNPJ e vai muito mais além.

A começar pelos espaços de trabalho que são “espaços laborais não adequados, muitos oferecendo risco de segurança, sem uso de equipamento de segurança, sem uso de

¹⁹ O conceito de Unidade produtiva adotado no presente trabalho é o mesmo colocado pelo SEBRAE (2013.p.25), qual seja, “todo e qualquer conjunto de uma ou mais pessoas, com administração independente, que se reúne regularmente para: (i) produzir confeções, entendidas como peças de vestuário, na forma de produtos finais; (ii) desempenhar tarefas que correspondem a etapas do processo produtivo de confeções, como cortar os tecidos ou costurar partes de uma camisa; (iii) produzir componentes das confeções, como casas de botões ou bolsos de calças”.

²⁰ O critério adotado pelo SEBRAE para a pesquisa foi o número do CNPJ, isto é, aquelas unidades que não possuíam o número de pessoa jurídica foi considerado informal.

equipamentos de proteção e sob condições insalubres” (PEREIRA NETO, 2013.p.169). As unidades produtivas, tanto *fabricos* como *facções*, de modo geral, são “quartinhos”, “puxadinhas”, garagens ou até mesmo cômodos feitos na própria casa designadas à produção. Isso explica, em certa medida, a carga horária exacerbada dos que trabalham na costura, visto que já estão “em casa” e fazem suas obrigações pessoais simultâneos ao trabalho²¹. Os *cerões* são horas extras de trabalho²² frequentes àqueles que ingressam na costura, tendo em vista que as maiorias das pessoas ganham seu salário por produção²³, sendo, inclusive, “vantagem” ao trabalhador intensificar sua jornada de trabalho. Esse processo é descrito nas fala de alguns de nossos entrevistados.

Eu tô assim por dia [trabalhando], por ‘peça’; cada peça tem o seu valor. Pronto, aí duas horas de ‘cerão’, aí já ganha por fora...eu costuro, aí quando termino minhas peças eu vou pra arrumação, aí já ganha por fora também, no caso é uma hora extra (Lívia, 21 anos. 29 de Março de 2016)

Faço hora extra, trabalho em feriado, num tem isso não; só quando é um dia ‘santo’ mesmo, que a gente num trabalha, mas trabalho da terça ao sábado e raramente nos domingo. Trabalho [...] fazendo hora extra - que a gente conhece aqui por ‘cerão’ - na quinta e na sexta. Sempre, geralmente, é das sete às nove e meia, dez... no máximo até dez, nunca passa mais do que dez não. (Pedro, 23 anos. 16 de Abril de 2016).

Mesmo havendo em alguns casos a remuneração pelas horas extras trabalhadas, muitas vezes o trabalho excedente é classificado como “normal” e/ou “inerente” à *costura*. Essa característica, tão marcante no *Polo*, é fator imprescindível na interpretação da configuração do trabalho informal presente nesse contexto. Uma vez que as relações são constituídas sob a égide familiar, diga-se de passagem, classificando esses núcleos num patamar de classes populares, há a manutenção dessa forma de trabalho em vista da sobrevivência.

O trabalhador informal pauperizado só consegue sobreviver porque vive num grupo familiar em que outros membros estão empregados nos segmentos regulamentados, podendo garantir a sobrevivência e reprodução da força de trabalho familiar. Eles contam com a ajuda de membros da família nos momentos de acúmulo do trabalho. Essa ajuda se dá tanto nas atividades de produção quanto naquelas dedicadas ao comércio. Assim, os membros da família atuam com força de trabalho eventual e não paga, auxiliando tanto na produção de mercadorias quanto na reprodução do grupo familiar. E o tempo despendido para realizar esse trabalho nem é percebido como um tempo racional de trabalho, apesar de absorver dias úteis, fins de semana, noite e feriados (ALVES e TAVARES, 2006.p.430).

²¹ Daí se explica a diferenciação de nomenclatura própria do *Polo* acerca de *Fabrico*, *Facções* e *Fábricas* já discutidos na seção anterior.

²² Podendo ocorrer na sua própria casa, no deslocamento para uma unidade de trabalho, por meio de “horários corridos” ou em outras formas e momentos distintos. Não há uma homogeneidade na configuração dessa forma de trabalho. Portanto, nos referimos aqui tão somente às horas extras quando mencionamos o “cerão”.

²³ Quando se é pago por produção, denomina-se “pago por peça”.

Essa realidade do tempo destinado à costura se confirma, também, nos dados locais levantados na pesquisa no município de Coxixola, que demonstra o *quantum* de trabalho é despendido em horas extras que muitas vezes não são contabilizadas.

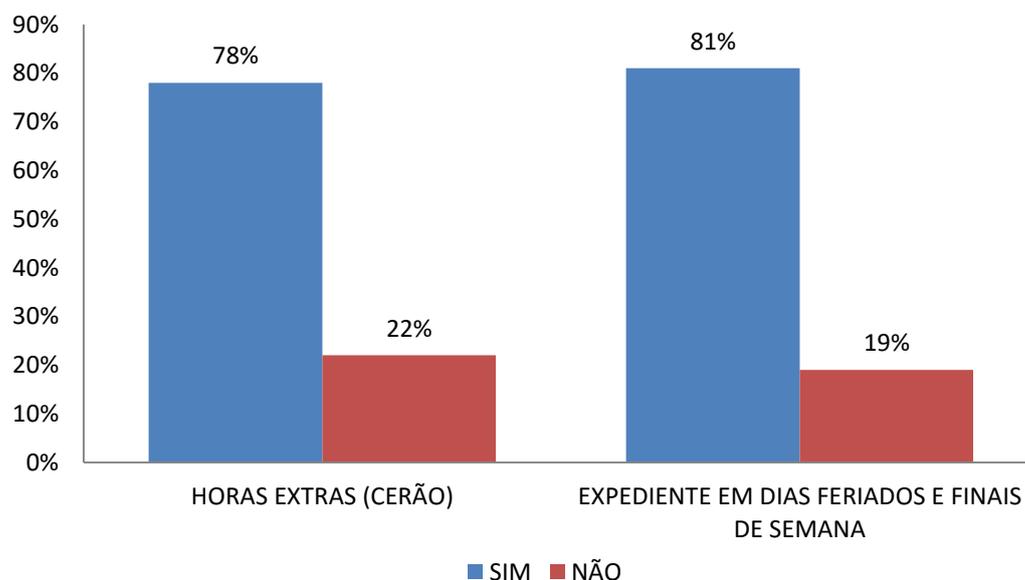


Gráfico 1. Percentual de pessoas que trabalham em expedientes excepcionais no município de Coxixola.

Fonte: Dados próprios

O *cerão* bem como as atividades extras em dias feriados e finais de semana são frequentes nas unidades produtivas do município de Coxixola. Em certa medida, essa realidade se manifesta no bojo do *Polo* de modo geral. Como nos relatou o Pedro (23 anos), anteriormente, o trabalho só é dispensado quando é dia “santo”²⁴ pois o “patrão” entrega uma quantidade determinada para a produção e, como a produção é que eleva o salário do trabalhador (Lívia, 21 anos), este submete-se às diferentes formas de jornada de trabalho para suprir a demanda que lhe foi designada e ‘fazer’ sua remuneração, ou ainda ‘dar conta’ das *peças* por meio de ajuda aos familiares para que os produtos sejam finalizados no tempo hábil para a comercialização, ambos os casos com excessivas horas de trabalho que não correspondem à carga-horária comum.

²⁴ Os dados que colhemos acerca da religião nas unidades produtivas locais registraram um percentual de 100% de pessoas ligadas à Igreja Católica. Isso explica o fato de que a jornada só é interrompida nesses dias. Como o foco de nossa pesquisa não se concentra nessa direção religiosa, fizemos menção ao fato para a clareza dos dados.

Na medida em que a produção diz o valor do salário que será recebido, há cada vez mais uma intensificação na jornada de trabalho, que não necessariamente coincide com o horário de trabalho (ANTUNES, 2015). Dito de outra maneira, ainda que haja uma redução da carga-horária do trabalhador não acontecerá o mesmo com sua jornada, uma vez que aquilo que foi destinado à produção, deverá ser alcançado de qualquer forma. Assim sendo, torna-se mais “vantajoso” ao trabalhador render algumas horas a mais para “dar conta” daquilo que lhe foi designado, sobretudo quando este fator dirá à rentabilidade que ela obterá. Nesse aspecto, altera-se também o sentido que se é dimensionado ao trabalho:

A questão do tempo [...] implica uma possibilidade de domínio sobre a vida dos indivíduos e sobre a organização social, do tempo de trabalho e da produção capitalista ao tempo da vida urbana. [...] implica um conflito sobre o uso do tempo bem como das diversas prioridades na concepção da organização social: é, no fundo, uma batalha da civilização. (PAOLETTI, 1998 *apud* ANTUNES, 2015)

Dito isto, o tempo que se reserva à *costura* é nomeadamente o tempo que direciona o sentido de vivência de cada trabalhador. Nesse sentido, a educação se torna aspecto secundário tendo em vista o tempo ínfimo a que é dedicado à mesma, acrescido do fato de o retorno financeiro imediato ser “mais favorável” que longas carreiras educacionais.

No que se refere à organização do trabalho, esta se dá de várias formas. Normalmente, os que ingressam no ramo – muitas vezes ainda crianças - são introduzidas no posto de “*ponta de linha*”, um trabalho semi-artesanal cujo objetivo é dar o acabamento final, embalagem e arrumação dos produtos em “*molhos*”²⁵ para facilitar a venda em atacado. Já os *costureiros* ocupam diversos postos, migrando duma máquina à outra, mas no geral, ficando responsável por uma fase específica do produto.

Outros postos de trabalho são os “*cortadores de tecido*” e “*infestadores*”²⁶, responsáveis pelo corte das peças em moldes, confeccionados na maioria das vezes pelos próprios fabricantes, cujo modelo é comprado e, posteriormente, retirado para a produção²⁷. Por fim, o produto final vai à venda nos boxes ou lojas dos centros comerciais. A última fase

²⁵ Os “molhos” são pacotes de peças já embaladas, em quantidades de 5, 10 e 15 produtos. Esses, podem ser todos de um mesmo produto (modelo, cor, tamanho, referência, preço, etc.) ou de produtos sortidos (geralmente as cores). Este último tem a finalidade de oferecer ao comprador produtos diversificados, principalmente àqueles que compram para “revender”.

²⁶ A “infestação” consiste na arrumação do tecido numa mesa larga em várias voltas. Depois que é espalhado todo o tecido, são riscados os moldes e, finalmente, é cortado. Este processo faz com que todas as peças saiam de uma mesma forma com maior rapidez e precisão.

²⁷ Essa peça “matriz” que origina as demais é chamada comumente de “*peça piloto*”.

desse processo compreende a venda nas feiras que comumente são realizadas pelos próprios integrantes da família. Neste caso, quando isso acontece, as pessoas vendem seus produtos nas feiras, geralmente realizados nos dias de domingo, segunda e terça – dependendo da cidade a ser destinada tal produção. Por isso, as pessoas precisam trabalhar de modo mais intenso nos outros dias para que sejam compensados os dias dedicados às feiras. Aqui, surge novamente o aspecto da carga-horária semanal dos trabalhadores.

Como já foi discutido anteriormente, os trabalhadores intensificam sua produção, sobretudo na sexta e sábado, podendo trabalhar inclusive no domingo em épocas de alta e esse aumento da carga-horária geralmente acontece nos “*cerões*”. De modo geral é assim que se configuram as unidades produtivas²⁸. Nessas unidades não há uma padronização e organização do trabalho, no sentido estrito que o termo comporta. Quando se tem informalidade desse porte, é extremamente razoável que os processos produtivos fiquem a cargo daquele que é o dono do empreendimento. Nesse sentido, concordo com Cacciamali (1982), citada por Pereira Neto (2013), quando afirma que a “informalidade engendra um tipo específico de organização do trabalho, bem menos complexa que aquela levada a cabo pelas grandes empresas, abrangendo basicamente dois níveis: o comando e a execução do trabalho”. E continua,

A divisão do trabalho, neste caso, é ainda pouco complexa, podendo o trabalhador, neste tipo de firma, executar uma multiplicidade de conjuntos de tarefas, que corresponderiam a postos de trabalho específicos e diferenciáveis caso a escala de trabalho fosse maior. O patrão é responsável pela gestão da empresa, ajudado, de forma temporária ou permanente (...) por assistentes especializados em certos conjuntos de tarefas que, no entanto, não tem poder de decisão sobre o processo produtivo (CACCIAMALI *apud* PEREIRA NETO, 2013.p.171).

A informalidade é um elemento quase “inato” ao *Polo*. As pessoas não querem ou pretendem tornar seus estabelecimentos formais para não se verem obrigados a oferecer dias feriados, direitos trabalhistas, férias, fundo de garantia, etc. que implica diretamente na produção e rentabilidade do patrão. Ao mesmo tempo, os empregados por serem pessoas muito próximas ao empregador não tendem a denunciar esses empreendimentos aos órgãos de fiscalização, dado que serão eles mesmos prejudicados.

²⁸ Esses são os processos produtivos mais encontrados, no entanto, nas lavanderias em Toritama, nas grandes fábricas empresariais e em outras unidades pode-se encontrar outros tipos de processos. Aqui, faremos breve explanação dessas fases, simplesmente para elucidar como se dá o processo produtivo mais comum, sobretudo, no caso de Santa Cruz do Capibaribe, para onde é escoada maior parte da produção do Cariri Paraibano.

De modo contrário, quando as pessoas empregadas não têm parentesco com o patrão, ocorre que, pelo fato de haver uma mão de obra excedente, estes ficam vulneráveis às formas de empregos que lhe são oferecidas, de tal forma, que o empregado cria um estado de dependência em relação ao trabalho que exerce em níveis elevados, gerando um ciclo de informalidade cujo lucro vai para o empregador. Em direção similar se encontra também o Poder Público.

Por ser um agente passivo na construção de todo esse aglomerado, o Estado prefere não imiscuir-se nessa seara, deixando para que o próprio *Polo* “resolva”, por assim dizer, essas questões. Diante da rentabilidade gerada pelo aglomerado e com a enorme proporção de emprego, seria inviável ao Poder Público frear a produção, que se traduz, em última análise, no voto. Diante do cálculo racional que é feito a partir da relação custo-benefício, firma-se aquilo que Pereira Neto (2013) convencionou denominar, usando uma expressão de Tendler (2003), de “*Pacto Faustiano*” explicada numa nota de rodapé, que vale a pena ser conferida.

O não pagamento de taxas e impostos nesta região não é nenhum segredo, aliás, vem sendo atribuído como um fator importante de competitividade, ou seja, uma das explicações para venda de mercadorias mais baratas, historicamente, (...) umas das alavancas do crescimento do *Polo*. Aí residiria na visão de Tendler (2003), um pacto *faustiano*, um tipo de acordo tácito estabelecido por fidelidade de voto entre os pequenos empresários informais das confecções e poder público, municipal e estadual. O referido pacto consistiria, de um lado, na inexistência de programas de desenvolvimento capitaneado pelo Estado que investisse localmente em infraestrutura, por exemplo, situação legitimada, por outro lado, pelos próprios empresários das confecções em troca do incentivo indireto, demarcado pela não fiscalização do recolhimento de impostos e da observância das leis trabalhistas. (PEREIRA NETO, 2013.p.231)

Diante disso, fica patente um contexto de informalidade cuja proporção torna-se difícil de captar. Cada vez mais, com a crescente dinâmica do Capital, em níveis globais que, por sua vez, se reflete no local, ampliando aspectos como a acumulação flexível, desregulação do capital e mercados cada vez mais abertos, sem intervenção estatal, cria-se ambiente extremamente favorável à precarização do trabalho, sobretudo no que diz respeito ao trabalho informal (ANTUNES, 2015). Acrescente-se a isso, o fato de haver mão de obra em grande quantidade nessas cidades, que gera enorme rotatividade dos postos de emprego²⁹, que, não raras vezes, culmina no engrandecimento desse tipo de informalidade. Aqui, o solo se torna ainda mais fértil à absorção daqueles que não obtiveram êxito na vida escolar, pois com a

²⁹ Isso ocorre em unidades produtivas com maior contingente de produção.

ideia do “fracassado escolarmente”, tem-se no ramo da costura uma esperança de que seja a partir do trabalho que se obterá melhoria de vida. Eis, então, o risco destes sofrerem com maior intensidade todo esse processo de precarização, uma vez que não possuem mão de obra especializada, engrossando as fileiras da mão de obra excedente, tendendo, assim, a submeterem-se aos mais diversos níveis de trabalhos possíveis.

2.4 O POLO DE COSTURA NO CARIRI PARAIBANO

O Cariri Paraibano é uma região inserida no bioma da caatinga, zona semiárida nordestina, situada no Planalto da Borborema. Marcada pela aridez, onde os índices pluviométricos são relativamente baixos, faz desta característica uma das principais referências a esta localidade. Possuindo uma composição de 29 municípios – dividido entre Cariri Ocidental e Oriental -, suas cidades registram números de habitantes com números baixos, o que lhe rende a caracterização dum território rural (BEZERRA, 2011.p.64).

A história de sua ocupação se resume na inviabilidade da criação de gado no litoral Paraibano, cuja economia pujante se dava através da atividade canavieira. Como não dava pra se criar gado dentro das plantações de cana-de-açúcar começou-se a migrar para as regiões do interior paraibano, na intenção de criar esse tipo de animal uma vez que havia muitas terras nessas localidades até então “desocupadas”. A pecuária passa predominar a região caririzeira de forma que irá se estabelecer como principal atividade econômica por muito tempo, conforme nos indica Bezerra (2011.p.66): “A pecuária inicialmente bovina, e depois caprina e ovina foi, portanto, a principal economia da região durante mais de 340 anos após a ocupação oficial do território demarcando profundamente sua estrutura político-econômico-cultural”.

Outra atividade que fez parte da economia da região foi a produção do algodão em fins do século XVII. Com essa configuração de pecuária somada a agricultura, rendeu à região uma formação fundiária concentrada na figura do “fazendeiro” que permeou por décadas (BEZERRA, 2011.66). Entretanto, com a crise do ciclo do algodão, agravada pela desvalorização do produto – discutido no item acima -, a praga do bicudo e as secas constantes, a economia local começou a enfrentar dificuldades, de modo que inicia-se intenso fluxo migratório para a Região Centro-Sul do país.

Com a derrocada da economia algodoeira provocada pela praga do bicudo e pela ausência de políticas públicas voltadas para este segmento da economia no momento de crise, o camponês se viu sem a sua principal fonte de renda monetária. Tanto é que na década de 1980 assistiu-se a uma forte migração campo-cidade na região, por falta de alternativas dos pequenos agricultores se manterem na terra. (MOREIRA, *apud* BEZERRA, 2011.p.68).

Percebe-se, portanto, que com a insuficiência da economia até então predominante, a busca por novos postos de trabalho se torna ainda mais intensa nessa região. A solução para tal problemática será vislumbrada quando da articulação de novas formas de convivência com o semiárido conforme enfatiza Araújo (2012.p.3) a respeito do assunto. Essas novas formas de convivência se caracterizam pela mudança duma economia voltada à plantação e colheita, surgindo novas formas de atuação como a costura, a caprinocultura de leite, rendeiras, vendas e comércios voltados ao vestuário, alimentação, entre outras formas de atuação econômica.

Embora não resulte duma política pública, no sentido estrito que o termo comporta, o *Polo de confecções* se insere nesta perspectiva de novas formas de sobrevivência no Semiárido. Se foi pela via da “sobrevivência” que o *Polo* se fundou – como discutido anteriormente -, o Cariri Paraibano, não diferentemente, vai apostar nessa nova possibilidade que é a costura. Pela proximidade geográfica com as cidades pioneiras na formação desse aglomerado, o Cariri se torna solo fértil à absorção dessa mão de obra emergente.

O *Pólo* do Agreste vem se configurando como uma realidade em expansão. (...) a produção do *Polo* necessita cada vez mais da incorporação de força de trabalho com as mais variadas formas de vínculos: flexíveis, informais, subcontratados. E esta incorporação não se dá apenas localmente, nem nos municípios no entorno do *Polo*, atinge também cidades e estados vizinhos. Uma das direções para onde o *Polo* historicamente vem se expandindo é o Estado da Paraíba, mais precisamente para a região conhecida como Cariri Paraibano. (BEZERRA, 2011.p.63)

Neste contexto, a cidade de Coxixola, situada nessa região, sofrerá com tais consequências. Sua proximidade geográfica com o *Polo*, mais precisamente com a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, será decisiva na consolidação desse aglomerado no Cariri Paraibano.

O processo que, num primeiro momento, ocorreu na maioria das unidades produtivas caririzeiras foi à implantação de *fabricos* e *facções* após o retorno dessas pessoas à sua terra natal. Outro fator que contribuiu para essa disseminação do aglomerado no Cariri Paraibano é a esperança de pessoas que motivadas pela notícia de comercialização da costura - sobretudo os que migravam para o Sudeste do país – começaram a acreditar no desenvolvimento local e

começaram a se inserir na produção de comercialização dos produtos (SILVA, 2007 *apud* EUFRÁSIO, 2013). Este processo de “idas e vindas” fica evidente no depoimento de Júlia:

[na infância] trabalhava em casa de família. Depois que eu arrumei Maria, [...] a primeira filha, aí foi... num tinha com quem deixar ela, aí tive que arrumar as costuras que era mais fácil. Fui-me embora pra lá [Santa Cruz], aí depois vim-me embora pra cá e continuo e tô costurando ainda.³⁰ (Júlia, 25 de Março de 2016)

Na narrativa da costureira, percebe-se que a falta de alternativas no Cariri a levou a deixar a terra de origem e buscar emprego nas cidades que começava a atividade da costura, nesse caso, Santa Cruz. Esse processo aconteceu com grande parte das pessoas “pioneiras” na costura no Cariri; foram e trouxeram suas unidades produtivas, na intenção de oferecer trabalho e renda aos que ali se encontravam, principalmente familiares ou pessoas próximas.

Atualmente há uma dinâmica diferente que tem pautado a vinda de unidades produtivas ao Cariri. Conforme observou Farias (2016), essas unidades, diga-se de passagem, de maior porte, têm fugido da fiscalização nos centros urbanos e se alocado nos interiores onde esse tipo de regulação é menos frequente.

É difícil precisar quais as dimensões que essa expansão tem sobre o município de Coxixola, dado que muitos postos de trabalhos foram formados graças ao ramo da costura. A título de exemplo, temos inúmeras rendas familiares geradas pelo comércio de roupas, tecidos, aviamentos, entre outras coisas que ligam-se diretamente ao *Polo de costura*. Contudo, para recortar o objeto de nossa análise temos que nos restringir aqui às unidades produtivas, reservando para as demais formas de trabalho tão somente menções para complementar nosso estudo.

Podemos constatar o envolvimento dos jovens na fabricação da sulanca, eles identificam a costura como importante fonte de renda para a região, bem como alternativa de permanência, já que segundo eles, muitos jovens não se identificam mais com a agricultura, além das condições de sobreviver deste meio tornar-se cada dia mais difícil devido o prolongamento da seca dos últimos anos. (FARIAS, 2016. *Mimeo*)

³⁰ Apesar da pesquisa não concentrar-se sobre a chegada do *Polo* no Cariri Paraibano, ousamos investigar a trajetória das pessoas que trabalham nesse aglomerado, sobretudo as mais experientes, para se ter noção do impacto que essa “chegada” ocupa na vida dos jovens trabalhadores que saem da escola. Pelo fato de haver poucas pesquisas referentes ao assunto no Cariri Paraibano, colhemos histórias de vida de pessoas pioneiras que nos relataram como se deu essa vinda do Polo ao Cariri – ainda que de modo insuficiente – para discutir nesta seção essa relação imbricada.

Segundo alguns de nossos entrevistados a costura desponta como sendo uma alternativa em meio às dificuldades que se apresentam na vivência com economias voltadas à agricultura. Suas experiências de vida demonstram aquilo que muitos jovens passaram.

Na infância eu trabalhava com agricultura e caprinocultura também. A caprinocultura aqui é bastante forte no nosso sítio e a agricultura antes trabalhava, mais hoje em dia num tá dando só pra viver de agricultura, né?! Aí a costura por ser um método mais fácil, melhor de... mais viável pra gente não precisar tá se esforçando tanto pra gente trabalhar, aí optei por tá na costura hoje. (Pedro, 23 anos. 16 de Abril de 2016)

A necessidade, a ‘precisão’, assim... e a oportunidade apareceu; eu trabalhava aqui com a agricultura, pecuária, criação de animais essas coisas assim. A agricultura aqui todo mundo sabe que é muito difícil, né?! Falta de chuva, as oportunidades são muito poucas e eu achei na costura uma forma mais rentável de prosseguir, assim... vamos dizer, mais oportunidade de uma profissão, você tá aprendendo ali. (Joel, 25 anos. 05 de Maio de 2016)

Como já discutida nessa seção, a economia baseada na agricultura e/ou criação de animais se tornou uma alternativa menos viável nos últimos anos em vista das crescentes secas na região, tornando a costura uma opção mais rentável em curto prazo e abrangendo um contingente significativo de trabalhadores, onde há uma forte migração para o setor. Como vimos no depoimento de Joel, a palavra de ordem que aparece inúmeras vezes é “oportunidade”, isto é, para os que estão na costura, este trabalho antes mesmo de ser considerado como um trabalho “ruim” por conter elementos como a informalidade, precarização, entre outras coisas – mostrados na seção anterior -, para estes, a costura é uma oportunidade de ter aquilo que se necessita para viver. Quando indagado sobre o motivo de sua saída da agricultura para a costura, Pedro realça nitidamente esse processo em seu discurso:

É que atualmente... pegou uma série de fatores, né?! Anos de seca, bastante anos de seca, e é uma coisa que é imprevisível, você pode plantar mas não pode colher. Também na caprinocultura, também, a gente arrisca muito; é uma coisa muito pesado [...] tem que tá indo pra cima de serra, atrás de bicho, tirar ração... e costurando é coisa só ali, mais dedicada, mais ali dentro de um salão, uma coisa na sombra. (Pedro, 23 anos. 16 de Abril de 2016)

Destarte, pode-se verificar que além do declínio da agricultura por conta das secas recorrentes, a costura aparece como um ramo de trabalho “menos pesado”, onde as pessoas têm a oportunidade de render menos força de trabalho manual-exaustivo. Tanto é assim, que nos dados levantados em nossa pesquisa há um registro considerável de homens no ramo da costura. Em grande medida, esse trabalho era reservado às mulheres, de início, contudo diante

dos fatores que inviabilizaram a agricultura – trabalho majoritariamente masculino -, a costura tem sido um trabalho sem sexo ou gênero como critério de escolha.

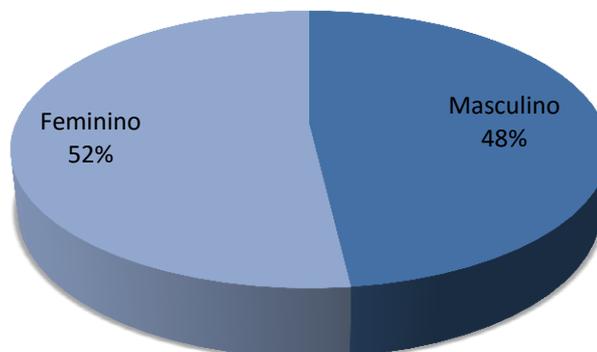


Gráfico 2. Percentual de trabalhadores no ramo da costura no município de Coxixola por sexo.

Fonte: Dados próprios

A realidade do *Polo* no Cariri ainda é uma realidade em expansão cujos precedentes não se pode enumerar com precisão. O que é válido salientar é à proporção que o *Polo* tem ganhado, sobretudo nos últimos anos, nessa região e como isso têm afetado a realidade local, por isso, adentraremos ainda mais especificamente nesta realidade a partir do município de Coxixola, que apesar de ter um contexto *sui generis*, revela dados que, não obstante, se repetem na constituição do *Polo* de modo geral.

2.4.1 Polo de Costura em Coxixola/PB

Como se destacou até aqui, o *Polo* é uma realidade que não há homogeneidade, tanto no que se refere à sua estrutura de formação, quanto na composição das relações de trabalho. O que se buscou demonstrar são elementos gerais que o compõem, de modo que há, em certa medida, proximidade com contextos similares.

Nesse sentido, o município de Coxixola tem apresentado conjuntura análoga às cidades do Agreste Pernambucano que têm a produção da costura como economia pujante. No caso de Coxixola, não é a principal atividade, já que dentro do município ainda há forte lidação com a criação de animais - como a cabra na produção de leite -, funcionalismo público

e privado, aposentadorias entre outras fontes de renda que se destacam. Mas a confecção de roupas tem sido uma das frequentes alternativas que as pessoas têm buscado para se manter financeiramente.

Vale salientar que a produção confeccionista no município tem se acentuado cada vez mais na zona rural, como demonstrou-se na pesquisa realizada.

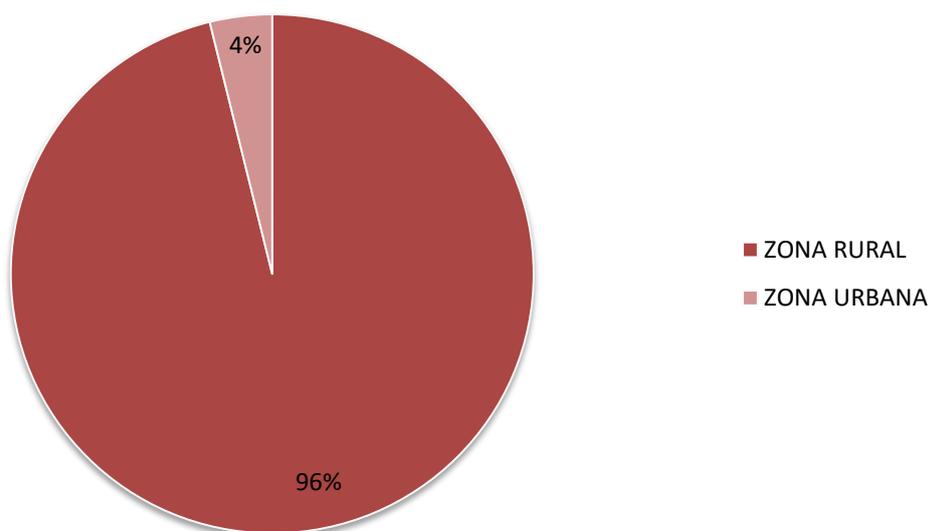


Gráfico 3. Percentual de trabalhadores da costura no Município de Coxixola. Fonte: Dados Próprios.

A concentração de trabalhadores na costura no município de Coxixola tem se dado com maior frequência nos sítios onde há uma ligação muito próxima com a região do Pernambuco, como é o caso do Sítio Campo do Velho (que faz fronteira com os municípios de Congo e Caraúbas que por sua vez, limitam-se geograficamente com Santa cruz do Capibaribe-PE) e o Serrote Apertado (que tem o seu limite geográfico com o Campo do Velho e por sua vez com as cidades já citadas).

Segundo Farias (2016), que ao entrevistar um dono de fabrico da região levantou dados primários da abrangência dessas unidades na zona rural, 72 pessoas estavam ligadas diretamente à costura apenas no sítio Campo do Velho (juntando 3 fabricos predominantes), no ano de 2010. Esse dado, não insere facções, tampouco pessoas que trabalham esporadicamente no ramo e que de alguma forma tem suas fontes de renda ligada à costura.

A pesquisa realizada para este trabalho computou muitas facções no município, cada vez mais crescente seu número, em contraposição ao declínio dos fabricos locais, que via de

regra tem se dado em virtude do desejo de autonomia dos trabalhadores (como já discutido) para montar seu próprio empreendimento e o fechamento de alguns fabricos pela baixa rentabilidade nos últimos anos.

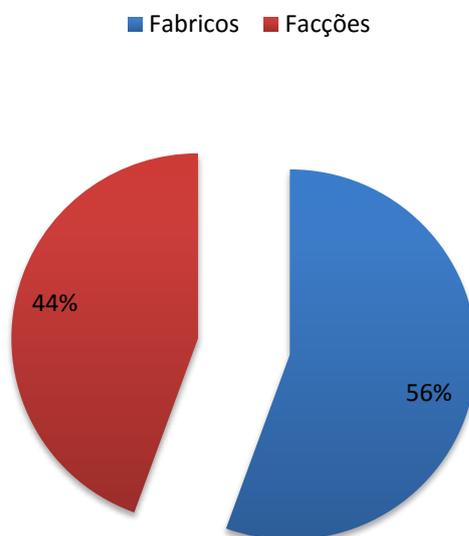


Gráfico 4. Percentual de trabalhadores nas unidades produtivas no município de Coxixola. Fonte: Dados Próprios

Mesmo com um número de trabalhadores ainda majoritário nos fabricos, esse percentual confirma aquilo que mencionei anteriormente, na medida em que o número de trabalhadores num fabrico é relativamente maior que o número numa facção, dessa forma, há na pesquisa realizada a presença de muitas pessoas em apenas 2 (dois) *fabricos* de médio porte, diferentemente de 8 *facções* que têm poucos empregados ligados à produção e que na maioria das vezes restringe-se ao núcleo familiar.

Farias (2016) ainda chama a atenção para o advento dessas unidades produtivas na região a partir da chegada da energia que se deu enfaticamente no ano de 1996 e que se espalhou rapidamente na disseminação desta forma de trabalho e renda, de tal maneira que mantém diversas famílias com o salário obtido na costura.

Na pesquisa que foi aplicada nas unidades produtivas, 54% das 27 pessoas afirmaram retirar seu sustento e manter toda a família através da costura. Para se ter uma dimensão da importância da costura na vida financeira dessas pessoas, basta dizer que dos pesquisados, 65 % têm uma renda mensal igual ou superior a um salário mínimo muitos deles retirados da costura, como demonstra o gráfico a seguir.

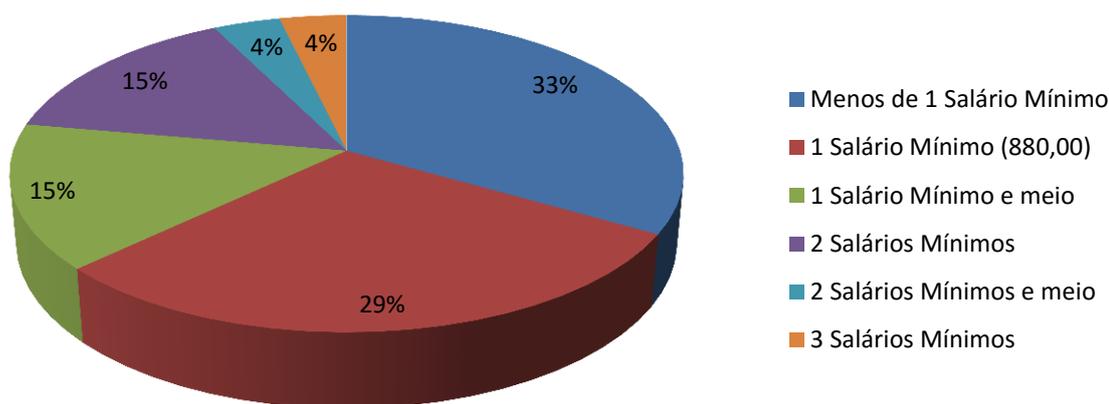


Gráfico 3. Renda mensal dos trabalhadores das UP's de Coxixola. Fonte: Dados Próprios.

Apesar de computar uma percentagem de 33% de pessoas com salários inferiores a R\$ 880,00, há um contingente considerável de pessoas que têm um salário mínimo ou mais do que isso para a sobrevivência. Caso contrário, esse número tenderia a estar menos elevado, contabilizando ainda mais pessoas com renda inferior a esse valor.

Outro fato que explica o dado de 33% de pessoas com renda menor que R\$ 880,00, é o fato de nas unidades produtivas pesquisadas haver um percentual de 22% de pessoas que trabalham na “arrumação” ou “tirando ponta de linha”. Esse posto de trabalho em geral é desvalorizado e majoritariamente destinado aos jovens iniciantes e, dado que não há uma fixação salarial prévia, ficando a cargo de horas o valor do salário, o dado registrado de pessoas que não ganham um salário mínimo mensalmente está em estreita relação com a ocupação destes postos menos valorizados financeiramente. Caso comprovado, é o fato de 45% dos pesquisados estarem na faixa etária entre 15 e 25 anos e 52% das pessoas terem

respondido que estão no estado civil “solteiro”, isto é, o perfil é de jovens iniciantes, solteiros que têm na atividade da costura um complemento da renda familiar.

Já no que se refere às tendências fabricadas no município, há uma predominância de peças que estão “na moda”, em “alta”, isto é, modelos de roupas que fazem sucesso entre os clientes e tem maior aceitação no mercado momentaneamente.

■ Moda feminina (Modinha) ■ Moda Masculina (Modinha) ■ Moda Masculina e Feminina
 ■ Moda íntima femina ■ Moda Infantil ■ Cama mesa e Banho

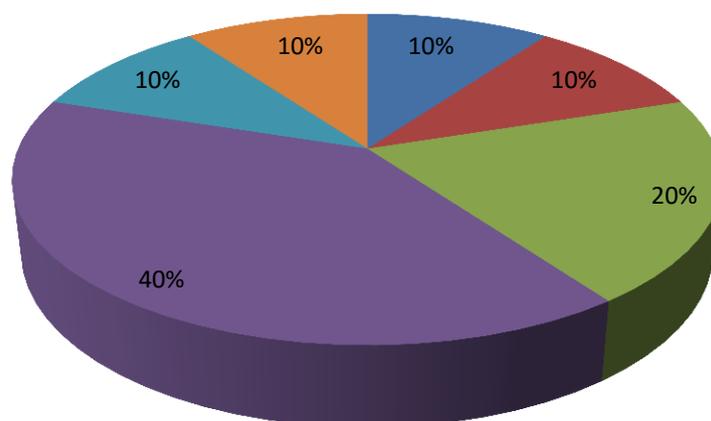


Gráfico 4. Tendência por Unidade Produtiva no município de Coxixola. Fonte: Dados Próprios

Há um equilíbrio no que se refere aos produtos confeccionados no município de Coxixola. Essa diversificação na produção demonstra a consolidação do *Polo* na região, pois os fabricos e facções já conseguem facilmente produzir aquilo que é mais rentável – podendo inclusive modificar os produtos para o atendimento da demanda que for necessária - demonstrando que essas unidades são estáveis e como menos risco de fechamento.

A chegada dessas unidades produtivas no município de Coxixola apresentou significativas mudanças na vida dessas pessoas. Nesse sentido, passarei a analisar quais os elementos que se destacam nesse contexto, ainda em formação, e os aspectos principais que levou ao estudo do campo, qual seja, o da educação nesse contexto social peculiar.

3 A EDUCAÇÃO

3.1 A EDUCAÇÃO NO POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

As unidades produtivas que compõem o Polo de Confecções - *fabricos e facções* - são extremamente marcadas pela informalidade e pela relação familiar, como discutimos até aqui.

A literatura que se refere a esta realidade tem constatado, em unanimidade, que dentro do *Polo* as relações com escola são extremamente incipientes do ponto do vista da elevação no grau de estudo, de modo que grande parte das pessoas que estão ligadas à costura não tem escolaridade elevada, dada a facilidade de ingresso no ramo da costura sem necessitar de muitos requisitos educacionais.

Eufrásio (2013) constata que no Pernambuco o índice de analfabetismo registra algo em torno de 53,17% e a média de anos de estudos é de 2,42%. O índice de escolarização na faixa etária de 15 a 24 anos para o Estado é de 22,7%. Outro dado por ele verificado e que chama a atenção é o caso específico do município de Caruaru/PE que computa cerca de 45,7% da População Economicamente Ativa-PEA com o ensino fundamental incompleto na região de Caruru e entorno.

O mesmo autor destaca ainda que nessa região o índice de evasão escolar bem como a ausência dos estudantes em dias de feira na escola em virtude do trabalho é muito alto, de forma que mesmo aqueles que permanecem na escola têm dificuldades de acompanhar o ritmo escolar. Na mesma direção, Silva (2009.p.105) afirma que “é através de seus próprios trabalhos que podem custear a educação, além do que, para muitos, a sobrevivência familiar depende também de seu trabalho”.

Saliente-se, portanto, a dificuldade de se ter uma carreira educacional dentro do ramo da costura, haja vista que problemas como o tempo de trabalho não coincidem com tempo de estudo e, as necessidades que estão postas aos trabalhadores desse aglomerado estão num plano mais urgente que mesmo o estudo, conforme aponta Bourdieu (1998.p.98-110).

Para mensurar dados que revelam a situação desses trabalhadores em relação aos estudos, peguei dados dos 10 principais municípios do *Polo do Agreste Pernambucano*, que mostram como se configura essa conjuntura.

Municípios	População	Pessoas de 15 anos ou mais de idade que não sabem ler e escrever (%)	Relação entre matrículas do ensino médio e matrículas do ensino fundamental (%)	Rendimento mensal domiciliar per capita nominal - total - 2º (mediana) quartil (R\$) ³¹
Agrestina	22.679	32,4	13,9	170
Brejo da Madre de Deus	45.180	32,3	14,6	170
Caruaru	314.912	15,6	26,7	306
Cupira	23.390	30,7	20,3	198
Riacho das Almas	19.162	34,5	20,6	200
Santa Cruz do Capibaribe	87.582	16,0	22,7	306
Surubim	58.515	24,9	29,2	217
Taquaritinga do Norte	24.903	23,0	20,6	262
Toritama	35.554	20,6	14,5	300
Vertentes	18.222	24,4	18,7	233
<i>MARCOS DE COMPARAÇÃO</i>				
Recife	1.537.704	7,1	39,9	366
Petrolina	293.962	12,1	28,5	255
Manari	18.083	39,9	15,0	91

Tabela 6. Polo-10: Dados gerais sobre as características da população dos dez municípios estudados.

Fonte: SEBRAE (2010)

Como demonstrado na tabela acima, os índices educacionais das cidades que têm como atividade robusta a *costura*, são ínfimos se comparados a outras cidades que têm rendimento mensal domiciliar per capita nominal parecido ou até mesmo inferior. Um exemplo é o caso de Toritama que tem uma renda de 300,00 reais nominal per capita, superando a cidade de Petrolina que registra R\$ 255,00 e, no entanto, tem 29,6% de 15 anos ou mais de idade que não sabem ler nem escrever, enquanto Petrolina registra apenas 12,1%. É válido lembrar que a população é disparadamente superior no caso de Petrolina; em tese, municípios menores tenderiam a conter índices educacionais melhores. Estes casos se repetem também em cidades

³¹ O cálculo feito pelo SEBRAE obedece a seguinte lógica: “ao dizermos que o rendimento domiciliar per capita mediano em Caruaru é de R\$ 306 estamos dizendo que em metade dos domicílios daquela cidade as pessoas ganham, em média, menos do que (ou, no limite, igual a) aquele valor”. (SEBRAE, 2013.p.58)

como Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe. Isso, sem falar que dentro do *Polo-10*, essas cidades foram as que obtiveram melhores índices nesse sentido.

Ao analisar apenas as cidades do *Polo-10* percebe-se que as três cidades pioneiras (Santa Cruz, Caruru e Toritama) são as que têm melhores índices tanto no que se refere à economia, quanto à educação. De acordo com o relatório emitido pelo SEBRAE isso se deve ao fato de que nestes municípios a atividade produtora de confecções serem mais antiga e mais concentrada, elevando as taxas de modo geral.

Em função da elevação da melhoria de vida nesses municípios pioneiros, sobretudo no que tange à economia, a lógica que prepondera na trajetória escolar desses sujeitos é diferente. A partir do momento que as pessoas dessas cidades, começam a ingressar outros postos financeiros, sobretudo a classe média, a dinâmica que passa a reger a vida educacional dessas pessoas é o investimento cada vez mais intenso em carreiras escolares mais longas, porém, mais estáveis, cuja regra geral é a ascensão de “hoje” para a rentabilidade de “amanhã”, conforme teoriza Bourdieu (1998.p.106) nesse sentido.

As cidades que ingressaram recentemente no *Polo* não possuem o “amadurecimento” de sua produção e comercialização, o que as coloca numa posição dependente em relação às cidades pioneiras, pois ao passo que as unidades produtivas (já consolidadas nas cidades fundantes do *Polo*) são levadas aos municípios em formação tardia - por meio de *fabricos* ou *facções* - ou, de modo inverso, são realizadas produções locais e levadas aos centros de comercialização - situados nessas cidades pioneiras -, constituem-se condições heteronômicas³² das cidades tardias do *Polo* em relação às cidades fundantes. Nesse sentido, tendem a oferecer certo grau de reprodução tanto na vida material-econômica quanto educacional, uma vez que os trabalhadores e/ou a produção estarão sempre condicionados a “outrem” e, na medida em que há dependência, há reprodução dessas estruturas.

Outro fator que tem endossado essa dinâmica reprodutiva são os laços constituídos nos micro-espacos das unidades produtivas. De acordo com Silva (2009) as relações familiares têm contribuído incisivamente para a informalidade, dado que os sujeitos são contratados por pessoas muito próximas, numa estreita relação de confiança mútua. Por esse motivo, eles ingressam ainda cedo na confecção dos produtos, de maneira que o trabalho constitui-se um valor ético-moral incomensurável. Esse valor ‘ético-moral da costura’ é repassado por

³² Conferir o conceito utilizado em “Capitalismo Dependente, Autocracia Burguesa e Revolução Social em Florestan Fernandes”, por Limoeiro, 1995.

gerações, pelos costureiros³³, e na medida em que a ética é repassada de geração em geração, ocorre a reprodução desse ciclo trabalhista havendo uma espécie de reprodução do meio produtivo por meio de *habitus*, conforme noção desenvolvida por Pierre Bourdieu.

Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade de projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de uma maestro. (BOURDIEU, 1983.p.15)

As pessoas que estão ligadas à costura e que pretendem sobreviver através dela permanecem segundo tal lógica de reprodução durante um bom tempo, repassando-a para filhos e tantas outras pessoas das quais uma família esteja ligada. Até que se pense sair dessa forma de trabalho para tentar montar sua própria unidade produtiva ou até mesmo sair do campo da costura – diga-se de passagem, em ambos os casos tentativas inseguras e incertas - há a manutenção da lógica reprodutiva que tem como probabilidade a permanência de muitos no ramo, numa dinâmica própria de *modus operandi* conforme delineado por Bourdieu na conceituação do *habitus*.

Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produtos do *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma ‘intenção objetiva’, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes (BOURDIEU, 1983.p.15)

Dessa forma, aos costureiros são reservados postos de trabalho que apesar de serem, num primeiro momento, formas de trabalho para a sobrevivência, atuam como formas de reprodução das desigualdades sociais por meio de ações inconscientes transmitidas através de *habitus* às distintas gerações de trabalhadores da *costura*.

A necessidade objetiva que estes estão submetidos são necessidades que não os permite sair da costura, dada a forte estrutura que lhes é imputada e nesse sentido a educação

³³ Aqui me refiro tão somente aos trabalhadores assalariados que dependem das unidades produtivas para sobreviverem. Estes desenvolvem diversas atividades, porém comumente chamados, dentro do campo, numa forma generalizada, de *costureiros*, haja vista que muitos desenvolvem mais de uma atividade. Então, são assim denominados. O que quero lembrar é que a dinâmica que rege a atuação de patrões ou outros postos de trabalhos mais elevados dentro da costura é outra, cuja dimensão o presente trabalho não ousa adentrar.

acaba sendo o campo menos viável possível em virtude das necessidades reais que dificultam o ingresso e/ou a permanência dos sujeitos na Escola.

A baixa escolaridade tem sido característica marcante do perfil educacional dos trabalhadores *Polo*. Para Pereira Neto (2013), a exigência primordial ao ingresso no ramo é, de modo geral, a habilidade, o ritmo e a qualidade experiencial dos trabalhadores, contribuindo para a consumação da baixa escolaridade presente no *Polo*, dado que não necessita-se, comumente, dum elevado grau de estudo para operacionalização das máquinas, logo, para ocupar tais postos de trabalho.

Por se constituir a faixa etária majoritária na escola, os jovens são os que mais abandonam o ensino. Em outras palavras, são os jovens de hoje, que têm acesso às diversas formas de educação, dado o número cada vez maior de oferta educacional em todas as esferas, que têm saído da Escola não simplesmente por motivos “individuais”, mas por circunstâncias que nem sempre estão visíveis e de forma minuciosa têm legado a desistência de tantos alunos. Diferentemente das pessoas pioneiras que estavam presentes na “formação do *Polo*” que não dispunham de tais oportunidades e a lógica que regia suas vidas era a da necessidade - como demosramos na seção anterior que versa sobre a história desse aglomerado - os jovens atualmente têm a oportunidade de estudar, mas saem para ingressar na costura.

Conforme Menezes e Silva (2013.p.287), “para os jovens, o trabalho está entre os assuntos de maior interesse”. Ainda segunda as autoras, no que diz respeito ao *Polo*, “o trabalho assume um significado de maior relevância do que a escola”. De acordo com seus estudos, elas revelam que o sentido do trabalho na vida dos jovens se configura em diversos significados, os quais estão associados à necessidade, independência, crescimento, autorrealização e ainda, exploração. O elemento da necessidade é algo presente nesta dinâmica de trabalho juvenil, porém, atrelado aos elementos da independência, crescimento e autorrealização demonstram a diferença da “necessidade” que se vivenciava no início do *Polo* na década de 1960.

O que chama a atenção é, sem dúvida, o fato de que alunos oriundos de classes populares tendem a ingressarem cada vez mais cedo no mundo do trabalho em virtude das necessidades imediatas que lhe são postas. Mesmo o conceito de necessidade havendo diferenciação naquilo que se entende por “necessidade” dos “costureiros iniciais” e os “costureiros atuais”, não há como negar a razão objetiva que move as ações dos sujeitos na intenção de satisfazer essas obrigações. Conforme Nogueira (2009), esse “cálculo racional”

que é feito pelo indivíduo que não pretende sair do trabalho, cujo retorno é mais imediato, se dá pelo fato de que carreiras educacionais longas e incertas não condizem com as expectativas daqueles que preferem obter um posto de trabalho mais próximo de sua vivência atual.

Em razão do processo [...] de internalização das chances objetivas ao que lhes é possível alcançar, bem como ao que lhes é inacessível, o que protege contra ambições desmedidas ou projetos inatingíveis. Tendem, assim, [os alunos] a encarar a ascensão social menos como acesso a altas posições sociais e mais como possibilidade de evitar postos instáveis e degradantes, que não garantem uma vida digna. (NOGUEIRA, 2009.p.60)

Segundo Silva (2009), o processo que a confecção comporta em sua tessitura, revela o desejo de autonomia financeira desde cedo entre os jovens, o que estreita ainda mais a teorização acerca da reprodução do nível escolar via necessidade, haja vista que os trabalhadores, bem como aqueles que dependem do trabalho para sobreviver, não irão esperar uma carreira longa por meio dos estudos, podendo adquiri-la através da habilidade e experiência profissional apreendida facilmente no mundo da confecção, com menores riscos de insucesso profissional.

A esses agentes são reservados, comumente, duas possibilidades: a permanência na costura como trabalhador assalariado e/ou a saída para montar sua própria unidade produtiva³⁴. Em ambos os casos há ainda fortes ligações com o ramo da confecção que torna patente a lógica de reprodução dos meios em virtude das necessidades que lhe são reais, como discutirei a seguir.

3.2 A EDUCAÇÃO EM COXIXOLA/PB

3.2.1 Dados Estatísticos

Os dados locais demonstram que a realidade educacional do município de Coxixola tem tido cada vez mais de decréscimo no que se refere à entrada e permanência dos indivíduos na Escola. O afunilamento do número de pessoas que chegam aos graus mais avançados da educação básica e até mesmo no ensino superior tem sido cada vez mais frequente. Para

³⁴ Com relação ao segundo grupo, me refiro àqueles que buscando autonomia saem, por exemplo, de um fabrico para montar sua facção. Como mostrei anteriormente, aos que ascendem dentro da costura e montam seu próprio fabrico, têm-se uma relação diferenciada, da qual não é objeto do presente estudo, servindo raras vezes apenas como marco de comparação e contraponto.

elucidar a saída desses sujeitos do campo educacional, segue o gráfico com o número absoluto de matrículas no ensino básico do município.

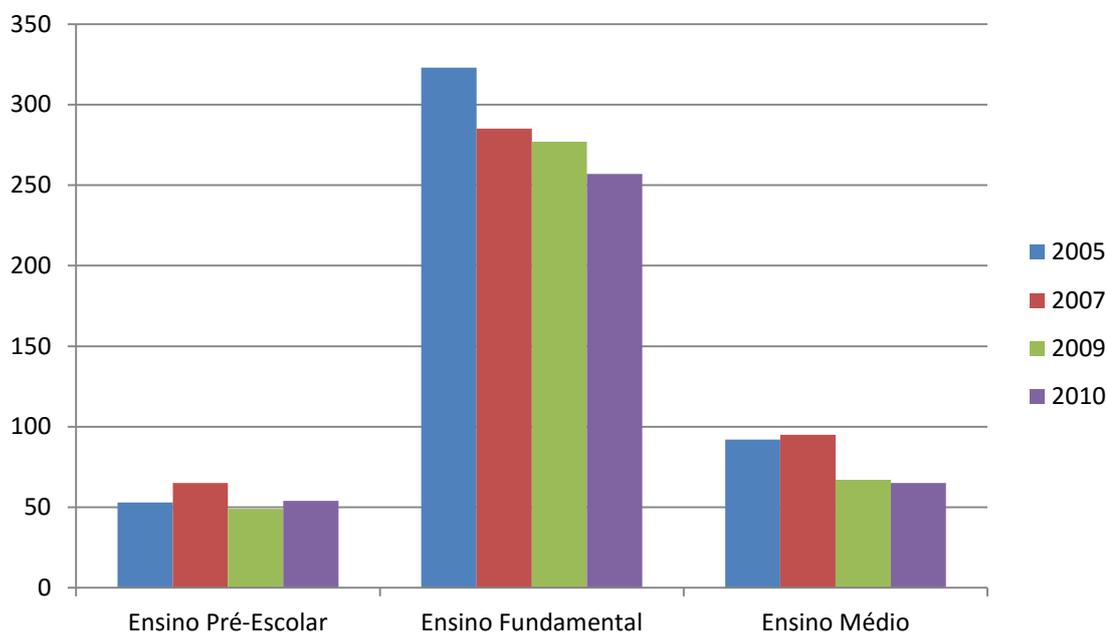


Gráfico 5. Número absoluto de matrículas na rede pública de ensino do município de Coxixola. Fonte: IBGE

O percentual de alunos decresce no intervalo que compreende o seu ingresso na educação básica até chegar às séries finais. Em contraposição, a população local, que no ano de 2000 era de 1.422 pessoas, aumentou para 1.771 habitantes em 2010. Mesmo com o crescimento da população, tem decrescido o ingresso de alunos na rede pública. Esse quadro se agrava ainda mais quando se percebe que o número de alunos que entram no ensino médio é significativamente menor em relação ao número de alunos que são inseridos no ensino fundamental. Por exemplo, das 323 pessoas que entraram no ensino fundamental em 2005, apenas 65 conseguiram ingressar no ensino médio cinco anos depois, ou seja, mais da metade dos alunos esvaíram-se no período de ensino fundamental.

As variáveis que dão conta desses percentuais em nível nacional mostram que as taxas se aproximam com a realidade escolar local. No Brasil, apenas 17% dos jovens que ingressam nas séries primárias do Ensino Fundamental conseguem concluir o ciclo (oito anos mais tarde) e tão-somente 11% concluem o Ensino Médio (POCHMANN, 2007.p.37). Silva (2009) segue na mesma direção afirmando o percentual de 82,1% dos jovens (15 e 17 anos) que frequentam a escola em 2007, mas apenas 48,0% cursavam o Ensino Médio, o que representa a saída de quase metade dessa população nesse lapso de tempo.

Outro dado que demonstra a situação que o município vivencia em relação à evasão escolar é o índice do fluxo que os estudantes locais têm na escola.

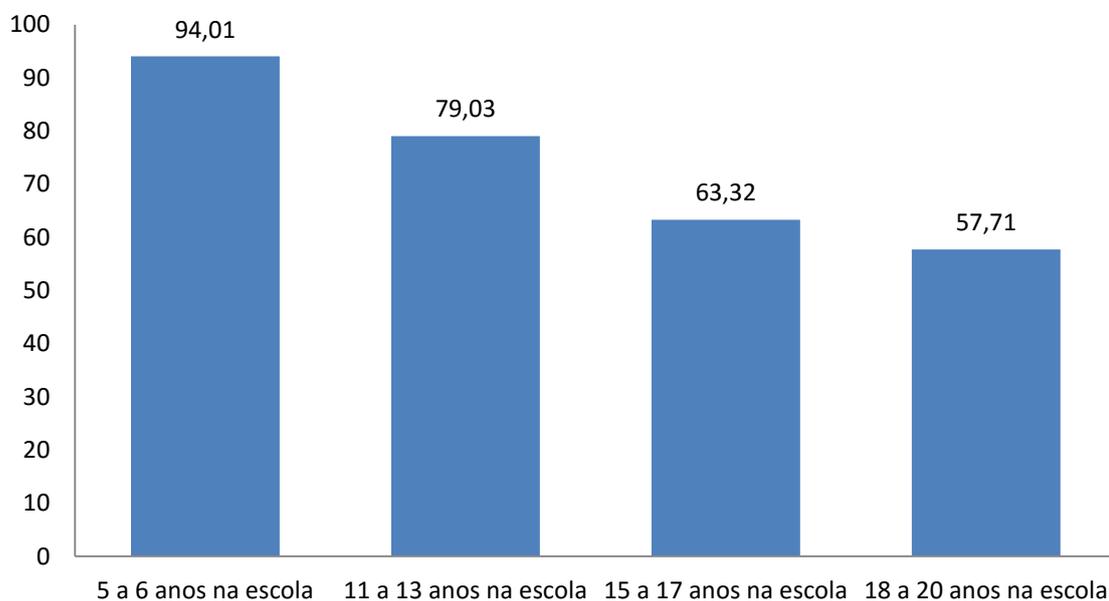


Gráfico 6. Percentual do fluxo escolar por faixa etária em 2010. Fonte: Atlas Brasil.

Essa realidade coxixolense tem refletido aquilo que tem acontecido em âmbito nacional, no que tange a inserção cada vez mais rápida dos jovens em postos de trabalhos desvalorizados e, pela urgência do trabalho, tem levado à saída dos jovens da Escola. Pochmann (2007,p.90-91) destaca que quanto maior o tempo de postergação dos estudos, maior a probabilidade de conseguir emprego com melhores condições e situações menos vulneráveis e instáveis. Segundo ele, “o Brasil tem sete a cada dez jovens ativos no mercado de trabalho, uma vez que todo filho pobre está condenado a ter que ir cedo ao trabalho, ao contrário dos filhos ricos, que somente ingressam no mercado de trabalho mais tardiamente, com mais alta escolaridade” (*Idem*).

Isso faz com que os jovens se lancem em trabalhos cada vez mais precários enquanto que as funções com melhores condições fiquem reservadas às pessoas com melhores condições financeiras, dado que estes conseguem por meio do tempo livre se dedicar a carreiras educacionais mais prolongadas e se inserir em empregos melhores. Nesse caso, implica-se dizer que o teor de sucesso educacional que se reserva aos indivíduos está diretamente ligado ao *quantum* de capital cultural e social que são oferecidos aos jovens. No caso dos *costureiros*, classificados como classes populares, a probabilidade de investimento

no capital cultural de seus pares tende a ser em menor grau em vista das necessidades mais urgentes que lhe são prementes, diferentemente dos patrões – que se inserem no patamar da classe média – cujo investimento deverá ser em larga escala dado à ascensão por meio da ascense que sua posição social exige, e por fim os grandes empresários da costura que têm o diletantismo como meio de acesso ao capital cultural e investimento educacional diferenciado (BOURDIEU, 1998).

No caso específico do município de Coxixola, percebe-se que há um percentual elevado de pessoas que não conseguem permanecer no ensino básico e torna patente sua inserção precoce no mundo do trabalho, sobretudo na costura.

A pesquisa realizada nas unidades produtivas demonstra claramente essa realidade de rápida inserção dos jovens no ramo da costura.

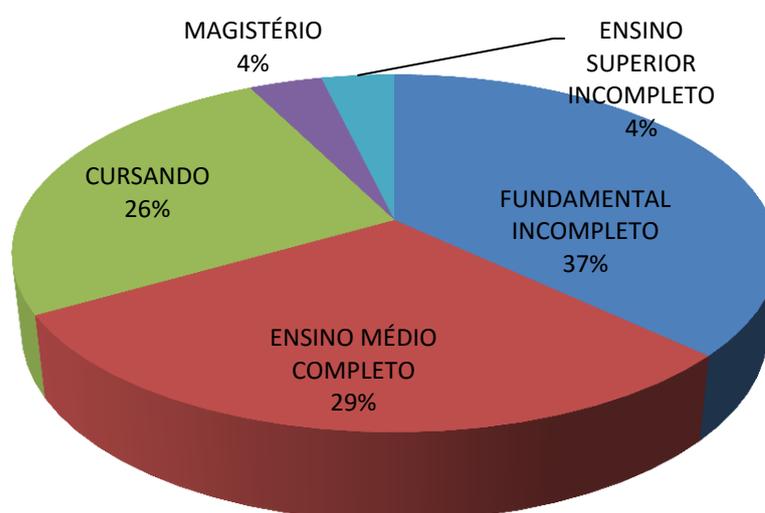


Gráfico 7. Escolaridade dos trabalhadores das UP's no município de Coxixola. Fonte: dados Próprios

Nas unidades produtivas do município de Coxixola há um percentual elevado de pessoas que não concluíram o ensino fundamental (37%); os que ainda estão cursando supõe-se que são jovens já estão inseridos no ramo da costura, uma vez que a percentagem de jovens (15 a 25 anos) nos *fabricos* e *faccões* é de 45%; entretanto, há um registro de 29% que concluíram o Ensino Médio e ainda 8% de pessoas que conseguiram ingressaram no ensino superior.

Embora haja um número de pessoas que permaneçam na Escola, há um contingente considerável de pessoas que saem cada vez mais cedo. Sendo assim, temos dois grupos principais: os que saem de imediato para o trabalho e os que permanecem na Educação – diga-se de passagem, muitas vezes fazendo ambas as coisas simultaneamente.

“Uma maior escolarização não garantiria uma inserção automática no mercado de trabalho” (SILVA, 2009.p.105). Nesse sentido, o desafio é responder em que medida o fato de se ter um período maior de estudos não conduzir necessariamente a um bom emprego. Passarei, portanto, a analisar esse processo imbricado presente no ramo da costura, colhido nas narrativas dos sujeitos e, ao mesmo tempo, perceber qual a relação dessas memórias com os dados estatísticos.

3.2.2 Costureiros E Educação: Formas De Reprodução

A costura como discutiu-se até aqui tem sido um ramo de trabalho que enfrenta diversas nuances em sua configuração e uma delas é a educação, cuja organização se insere numa lógica própria de sociedade que não obstante motiva e compõe o mundo do trabalho dentro do *Polo* no Cariri.

O campo da costura – retomando a ideia de *campo* de Bourdieu (1979.p.20) – é um campo que tem sua lógica própria onde estão presentes classes populares, classes intermediárias e classes de elite. A análise deste trabalho se concentra apenas aos primeiros. Como vimos anteriormente, há uma evasão escolar intensa no município de Coxixola para o ingresso cedo no mundo do trabalho.

Na costura, essa saída de deve em grande medida pelo “cálculo” – ainda que inconsciente - feito pelos atores que não dispondo dos capitais necessários ao sucesso educacional por meio duma carreira acadêmica prolongada, “aferem”, por assim dizer, as chances objetivas que a costura oferece como forma de sobrevivência.

Conforme observara Nogueira (2009), devido às “pequenas” chances objetivas de sucesso educacional que dispõe as classes populares, estas buscam um retorno mais imediato em virtude das necessidades reais que lhe são inerentes.

No caso da costura esse processo de inserção no mundo do trabalho antes mesmo da conclusão dos estudos se dá em parte pela facilidade com que as pessoas são inseridas no

processo de produção, podendo estes iniciar suas atividades ainda quando crianças, conforme as narrativas que se seguem:

Eu entrei por minha família desde os 14 anos. Eu cheguei por minha família, por que tava precisando de dinheiro pra comprar roupa, calçado, essas coisas... tive que trabalhar desde cedo. (Jefersom, 20 anos. 29 de Março de 2016)

Eu comecei muito cedo, aos doze anos e comecei a costurar através dos meus pais, que me ensinaram. Eles trabalhavam dentro de casa e me incentivaram pra começar também. (Sílvia, 19 anos. 16 de Abril de 2016)

Trabalho tem quase 4 anos. Comecei na ‘arrumação’, como se diz, na ponta de linha aí com o passar do tempo foi que eles [os patrões] foram me ensinando costurar e até hoje tô. Depois que aprendi, tô costurando (Lívia, 21 anos. 29 de Março de 2016.)

A inserção dos jovens no *Polo* se dá em grande medida ainda na adolescência ou até mesmo quando crianças. Pelo fato de haver inúmeros processos de produção na costura, muitos são iniciados na “ponta de linha” – como narrou Lívia de 21 anos - e, em seguida, ao aprender as fases primordiais, vão sendo inseridos na própria costura ou em outras fases que necessitam de maior experiência. Nesse caso, a costura tende a formar dois grupos principais de expectativas em relação ao trabalho: os que pretendem permanecer sendo trabalhadores nas unidades produtivas, nesse caso, estando ligados a outrem; e, aqueles que almejam sair duma unidade produtiva para montar outra, muitas vezes seu próprio negócio.

Em casos como o de Lívia é muito comum que a “ascensão” no trabalho, por assim dizer, permita aos costureiros almejarem a construção de seu próprio empreendimento, conforme apontou Menezes e Silva (2013) ao observarem uma família que se dedicava à costura e seus filhos tinham por objetivo montar sua própria fábrica. Essa dinâmica de emancipação e montagem do seu próprio negócio foi também constatada na presente pesquisa. Ao entrevistarmos um dos trabalhadores no ramo da confecção e indagar sobre seus planos futuros em relação ao trabalho, assim nos relatou:

Sempre almejei uma coisa melhor. Assim... atualmente eu num tenho uma visão assim ‘não, eu quero aquela profissão!’, mas o futuro é que vai dizer. [...] Eu sempre penso positivo pra não ficar no que tá. O que tá, tá bom, mas num quer dizer que vai ser pro resto da vida, sempre pensando positivo. [...] O mais próximo [plano futuro] é pensar em trabalhar pra mim mesmo, é o que penso assim sabe?! Questão de costurar pra mim mesmo, vamos dizer assim... penso, num sei como é que vai ser. (Joel, 25 anos. 05 de Maio de 2016)

A narrativa de Joel mostra que há um forte desejo, por parte de alguns que estão trabalhando na costura, em sair para montar seu próprio empreendimento. No entanto, como se percebe no início de sua fala, não há pretensões exageradas em relação ao trabalho, há

apenas o desejo de ser autônomo, isto é, de não depender de ninguém, porém ainda ligado à costura.

Por outro lado, há aqueles que pretendem continuar como trabalhadores assalariados da costura. Esses não cogitam a possibilidade de sair do ramo, como nos mostra os depoimentos a seguir:

Eu num sabia, meu pai comprou uma máquina pra minha mãe e eu me interessei, terminou comprando outra; eu fui tentando aprender e tô até hoje costurando e num pretendo deixar nem tão cedo. (José, 26 anos. 23 de Abril de 2016)

Por que aqui no sítio eu trabalho, que acho que movimenta o sítio [...] ainda na economia é esses fabricos, né?! E é o que eu tenho condições de tá, e por que eu gosto também, não quero sair daqui não. (Marília, 22 anos. 29 de Março de 2016)

Por enquanto o que a gente pensa é ficar costurando e se um dia por acaso, parar aqui, mas a gente tem a opção de ir pra Santa Cruz que é aqui perto; eu acho que quando a gente entra, dificilmente vai sair, só se arrumar um emprego de carteira assinada ou concursado, um emprego bem bom que você sabe que vai ter garantia o resto da vida, aí sim, você pode deixar. (Pedro, 23 anos. 16 de Abril de 2016)

Os entrevistados mensuram a intenção de continuar na costura. Isso demonstra o ciclo que o campo da costura mantém ao reproduzir a situação dos trabalhadores que estão imersos nesse processo. Um fator preponderante nesses casos é a insegurança de novos postos de trabalho, de modo que se prefere estar ligado à costura ao invés de lançar-se em futuros incertos, sobretudo, no que se refere ao mundo educacional.

Nos casos específicos em que os trabalhadores pretendem manter sua vida ligada à costura existem casos de jovens que pretendem sair do ramo – inclusive cada vez mais frequentes³⁵. Porém, como se trata duma tradição familiar, com retorno financeiro imediato e o risco de insucesso bem menor que carreiras educacionais longas, as pessoas acabam permanecendo na costura, por haver uma estrutura de capitais exigidos pela educação, como aponta Bourdieu e Passeron (2012), que tende a exercer sua força sobre a trajetória desses sujeitos, impelindo a estes a permanência no trabalho.

A partir do momento que no seio familiar não se é inculcido o *habitus* que a Escola exige, qual seja, “identificação afetiva com o conhecimento, concentração para os estudos, disciplina e autocontrole”, a capacidade de pautar suas ações no presente a partir de um

³⁵ Digo cada vez mais frequentes pelo fato de haver mais oportunidades na região para o prosseguimento dos estudos; isso se deve, em parte, a implantação de *campus* universitários no Cariri Paraibano, como o CDSA/UFCG (Sumé), Campus V/UEPB (Monteiro), IFPB (Monteiro) e diversas faculdades particulares que têm chegado constantemente na região.

planejamento racional do futuro fica comprometida em vista de uma “culpabilização” que se introjeta por meio da ideia de que esse universo escolar é inacessível, de tal forma que se é mais “vantajoso” sair para ingressar em postos imediatos onde caiba a suposta “capacidade” do indivíduo que evade a Escola (FREITAS, 2009. p.288).

Como se trata de um processo onde a família é núcleo central de desenvolvimento - tanto no caso de saída para a montagem de seu empreendimento próprio, quanto no caso de manter-se como trabalhador assalariado – há uma inculcação de *habitus* que gera um ciclo de reprodução cuja lógica lhes é própria. Forma-se, desse modo, os “herdeiros da costura”³⁶ que têm já em sua formação inicial a lógica empreendedora de comércio aos primeiros, e a lógica de permanência no ramo para adquirir aquilo que lhe for necessário à sobrevivência, ao segundo grupo e, em ambas as situações a educação deve ser tão somente apêndices desse processo. Esse processo de herança cultural pode ser mensurado através do nível de escolaridade dos pais desses sujeitos.

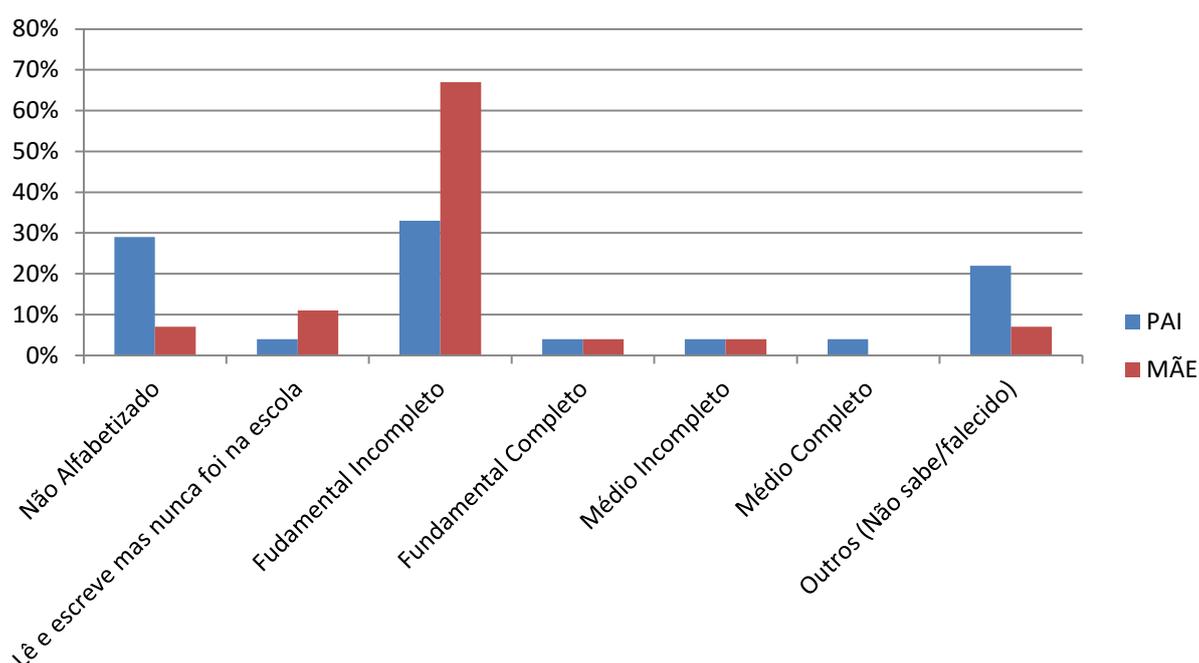


Gráfico 7. Percentual de escolaridade dos pais dos pesquisados no município de Coxixola. Fonte: Dados Próprios

³⁶ Utilizo a categoria de *herdeiros* de Pierre Bourdieu (2014) de modo inverso utilizado pelo sociólogo. O mesmo usa o termo para denominar classes que buscam se perpetuar na classe dominante e, para isso utilizam de diversos mecanismos para a manutenção do *status quo*. No entanto, ao usar este termo, objetivo demonstrar sujeitos receptivos de *habitus* que os repassam em forma de herança cultural aos seus pares.

Grande parte dos pesquisados tem pais que não conseguiram concluir sequer o ensino fundamental (85% das mães e 66% dos pais estão nesse patamar) o que torna difícil construir uma cultura escolar em sua trajetória. O *habitus* que é transmitido a essas pessoas é o *habitus* das classes populares que tem em sua composição a lógica da necessidade, da emancipação financeira desde cedo, da autoafirmação conseguida através do retorno financeiro imediato que é oferecido no ramo da costura.

Essa “inculcação cultural” onde os indivíduos preferem permanecer na costura pode se verificar no depoimento de Jorge (16 anos) quando destaca em sua fala que já é uma “tradição” essa forma de sustentar a família.

[Comecei] há uns três anos eu acho, ou quatro... e eu entrei na costura devido a minha família que sempre foi desse ramo, aí é quase como uma tradição pra gente. [...] O auxílio dos meus tios, por que todos costuram, e eles me auxiliaram a investir nesse modo de trabalho (Jorge, 16 anos. 16 de Abril de 2016)

Os que pretendem permanecer na costura relatam o fato de não se sentirem capazes de progredir educacionalmente e preferirem continuar nesse ramo para oferecer uma qualidade de vida a seus pares. Ao continuar o depoimento demonstrando a vontade de uma possível saída da costura para estudar Jorge prossegue:

Eu pretendo continuar estudando, tentar desenvolver mais minha capacidade sobre algo [...], com o decorrer dos estudos eu vou aprimorar algo que seja específico pra meu futuro, né?! [...] Gostaria de estudar e ver qual... ainda não tenho uma profissão certa, mas com o decorrer ai dos estudos, né?! Vamo ver aí o que vem de melhor e sou capacitado. Por que costura não é uma coisa fixa, por que costura depende muito de outras pessoas, das feiras, disso. Não é uma coisa fixa que você pode se manter com aquilo, pra sua vida toda. (Idem)

Diante do que relata Jorge percebe-se o desejo de saída do ramo da costura. Contudo, quando perguntei sobre o que motiva atualmente sua estadia na costura, objetivamente ele respondeu da seguinte maneira:

Ganhar dinheiro e não depender tanto da minha mãe. Isso aí! (Ibidem)

A razão do processo que impede a saída das pessoas que estão na costura atrela-se num primeiro momento à necessidade. É válido lembrar que as necessidades se mudam com o passar do tempo, de modo que aqueles, por exemplo, que estiveram na primeira fase do *Polo*, tinham necessidades diferenciadas das pessoas que hoje estão inseridos no aglomerado. A lógica de não prosseguir na carreira educacional aos primeiros é indubitavelmente diferente das razões que levam as pessoas hodiernas a não estudarem.

Os fatores que estão ligados à necessidade atual, estão em certa medida vinculados à autonomia, autorealização, aquisição de bens materiais essenciais à sobrevivência, bem como à satisfação pessoal, demarcação de poder, entre outros elementos, como apontado por Silva (2009). Comparativamente, seriam “necessidades” tais como Bourdieu (2004) descreveu:

Conhece-se o caso do filho de mineiro que deseja ir para a mina o mais depressa possível, porque isso é entrar no mundo dos adultos. (Ainda hoje, uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem sair da escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de ascenderem o mais depressa possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que se lhe encontram associadas: ter dinheiro é muito importante como afirmação perante os amigos, perante as raparigas, permite-lhes saírem com os amigos e com as raparigas e serem reconhecidos e reconhecerem-se como homens (BOURDIEU, 2004.p.155)

Essa motivação da qual Bourdieu discute pode ser constatada nas unidades produtivas de Coxixola como se verifica no gráfico a seguir:

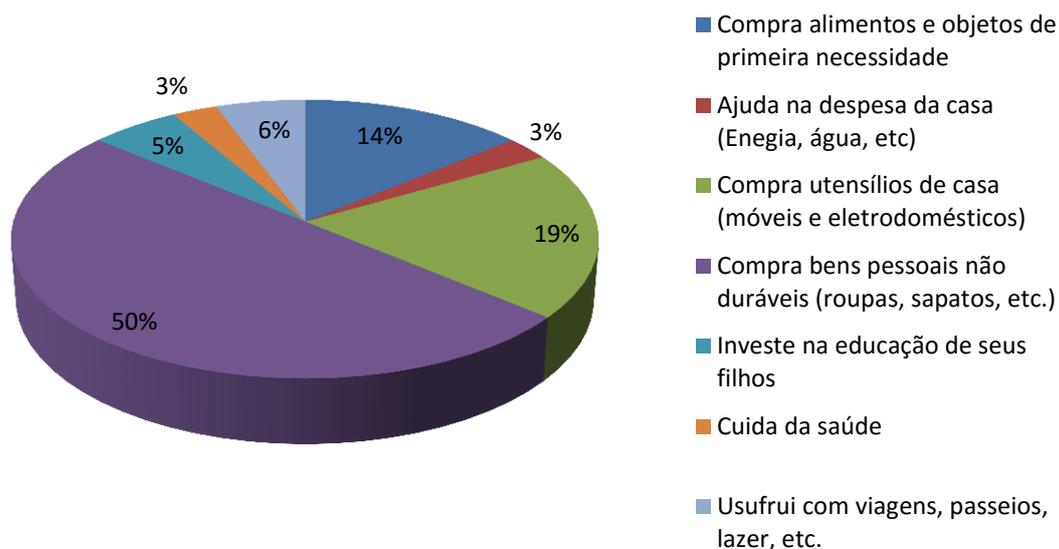


Gráfico 8. Percentual de alternativas assinaladas em relação aos investimentos feitos com o salário obtido na costura. Fonte: Dados próprios

Pode se verificar que a maioria dos investimentos realizados com aquilo que é obtido na costura são necessidades de primeira ordem, como cuidar da saúde, comprar alimentos, ajudar na despesa da casa e comprar utensílios de casa, cuja soma resulta o percentual de 39%

das alternativas marcadas. Por outro lado, a compra de bens não duráveis como sapatos, roupa, celulares são “necessidades” secundárias que foi altamente registrado no resultado da pesquisa (50%). Dessa forma, têm-se dois principais grupos que trabalham na costura com objetivos diferenciados, porém, confluentes: os de necessidades básicas e os de necessidades secundárias. Considerando que o percentual de pessoas jovens (15/35 anos de idade) no *Polo* em Coxixola é de 67%, supõe-se que o grupo de “necessidades secundárias” é composto em elevada proporção pelo público jovem, que busca a autoafirmação e emancipação financeira pessoal, corroborando com o que levantei anteriormente à luz de Bourdieu (2004), e em última análise se configura como uma disputa de poder - guardada as devidas proporções.

Nas narrativas dos costureiros relacionadas às necessidades, muitos deles apontam para o fato de em primeiro lugar satisfazer as necessidades básicas à sobrevivência, mas a alternativa de andar “bem vestido”, com objetos de última geração, tem despontado como oportunidade de se autoafirmar perante a sociedade.

[Com o que ganho na costura] Compro roupa, sapato, celular... Por que eu gosto de andar bem vestido; sempre que eu posso, ajudo minha mãe na feira. [...] Por que a renda mesmo não dá pra complementar a renda da casa, mesmo não. Tem que dá uma ajudinha que as coisas tão muito cara.” (Jefersom, 20 anos. 29 de Março de 2016)

[O que motiva o trabalho na costura] “Pra não ficar dependendo da minha mãe. Quando eu quero sair um fim de semana, sair uma festa, pra não ficar pedindo dinheiro a ela. Só quando eu precisar mesmo que eu não tiver dinheiro no meu trabalho é que eu peço a ela, mas mesmo assim é difícil.” (Rafael, 15 anos. 29 de Março de 2016)

[É] o que mais tem onde a pessoa mora. Assim... é a ‘precisão’ mesmo, por que meus pais não têm condições, aí é a única maneira que tem de ajudar a eles, também. [...] As vezes eu compro roupa, calçado, as vezes eu dou a ‘mainha’ quando ela tá precisando (Lívia, 21 anos. 29 de Março de 2016)

Eu tava só em casa sem fazer nada e precisando de comprar alguma coisa pra eu, aí minha mãe falou se eu num queria ir trabalhar com a costura. Aí, eu decidi pedir aqui ao patrão, pra perguntar se tinha como eu entrar, aí ele disse que tinha uma vaga, aí eu entrei. Por que meus pais num tem como dar tudo que eu quero, aí eu preciso das coisas, tenho que trabalhar (Márcio, 15 anos. 23 de Abril de 2016)

Esses sujeitos tendem a permanecer no campo da costura em vista das necessidades que lhe são reais, que não possibilitam desmedidas ambições, e mantêm-nos em sua condição social por muito tempo. Nas palavras de Nogueira (2009.p. 59) “suas condições de existência condicionam, assim, um estilo de vida marcado pelas pressões materiais e pelas urgências temporais, o que inibe a constituição de disposições de distanciamento ou de desenvoltura em relação ao mundo e aos outros”. Isso fica ainda mais evidente quando Jeferson (20 anos) - ao

ser indagado sobre o principal motivo que faz com que ele permaneça na costura - relatou as razões que leva ele a continuar no ramo e não querer sair:

O que me motiva [a costurar] é pra não andar que nem um mendigo, quando precisar de dinheiro, não precisar pedir a minha mãe. Até por que o que ela ganha não dá pra vestir nós. (Jefersom, 20 anos. 29 de Março de 2016)

Nesses casos, “a esperança subjetiva que conduz um indivíduo a se excluir [educacionalmente] depende diretamente das condições determinadas pelas oportunidades objetivas de êxito próprias à sua categoria, de modo que ela se inclui entres os mecanismos que contribuem para a realização das probabilidades objetivas” (BOURDIEU, 2012.p.191). Essa esperança subjetiva é que permite em graus diversificados a expectativa dos agentes em relação à ascensão social, de acordo com os interesses de seu grupo social.

Some-se às necessidades o fato de os jovens se sentirem incapazes de progredir educacionalmente, dado que muitos não acompanham o universo dos capitais exigidos pela Escola, implícitos na ação pedagógica, sem a percepção tácita da inculcação que se é colocada (*Idem*). Tende-se, portanto, a deixar de frequentar ou mesmo nem tentar ingressar o campo educacional, por considerar um campo inacessível pelo fato de ser “menos capaz”.

[Tenho vontade de] estudar pra ver se faço algum curso, alguma coisa. Eu tenho muita vontade de ser veterinário, mas num se eu vou conseguir não, sabe?! (Márcio, 15 anos. 23 de Abril de 2016)

Fiz o ENEM dois anos, aí num passei; vou ver se faço esse ano de novo pra ver como é que vai sair a nota. [...] Eu não participava das aulas, prova eu não fazia, eu não copiava... era assim, trabalho tinha uns que eu fazia, tinha outros que não fazia e assim ia. Por que eu mesmo não queria nada com a vida. Eu achava que era necessário, mas eu mesmo não prestava atenção num queria saber. Tinha uns que eu acompanhava [conteúdos], tinha outros que não sabia de nada. (Lívia, 21 anos. 29 de Março de 2016)

Meu plano futuro é trabalhar numa churrascaria, ganhar bem, poder comprar minha casa e viver a vida mais tranquilo (Jefersom, 20 anos. 29 de Março de 2016)

O fato de não se sentirem capazes de progredir educacionalmente, logo, profissionalmente, tendo em vista que a educação tem objetivo de garantir, em tese, um emprego e estabilidade de vida, abre margem à saída desses sujeitos para ingressar no mundo de trabalho de forma mais imediata, em virtude do não cumprimento dos capitais exigidos pela Escola. É aquilo que Bourdieu teoriza acerca das aspirações prováveis de acordo com cada classe:

Se os membros das classes populares tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outras, as aspirações e as exigências são definidas, em sua

forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível. Dizer, a propósito dos estudos clássicos em um liceu, por exemplo, ‘isso não é para nós’, é dizer mais do que ‘não temos meios para isso.’ (BOURDIEU, 1998.p.47)

Aquilo que num primeiro plano aparece como homogêneo a todos os estudantes subjaz em sua tessitura uma relação imbricada de classes sociais que não obstante oferece graus diversos de probabilidades de êxito escolar³⁷.

Segundo Bourdieu (2012.p.196), “suas condutas, suas aptidões e suas deposições relativamente à Escola levam a marca de todo seu passado escolar porque devem suas características ao grau de probabilidade ou de improbabilidade que ele teve de se encontrar ainda dentro do sistema, nessa fase e nessa trilha de ensino”. Nessa direção, algumas de nossas entrevistadas demarcaram explicitamente o papel da trajetória pessoal em sua carreira escolar.

Eu acho que a dificuldade de aprendizado na redação, por que toda vez a redação que fica ruim, aí a nota sempre é mais baixa, e é o que mais requer né? ‘Mais’ pontuação. Quando tava ensinando a aula de português eu, ‘pá!’ saía. Num ficava... parava pra prestar atenção como era. (Lívia, 21 anos. 29 de Março de 2016)

[Com relação aos estudos] Nunca fui muito fã de estudar não, sabe?! Estudava porque meus pais obrigavam. (Francisca, 23 anos. 05 de Maio de 2016)

Os processos que esses indivíduos são submetidos são considerados processos “neutros” que visam, a partir do “conhecimento adquirido”, emitir o grau de êxito que este possui para ingressar ou permanecer no sistema de ensino. Entretanto, as trajetórias desses sujeitos estão intrinsecamente ligadas às chances de “sucesso” que poderão obter.

O fato de se considerarem “menos capazes” de atingir seus objetivos educacionais constitui uma relação inconsciente por parte das pessoas, que através de *habitus* inculcido, foram introduzidas na relação desigual com que a Escola trata seus partícipes.

Outro exemplo disso são algumas das respostas dadas nas perguntas abertas do questionário pertencente à pesquisa. Ao serem indagados se “se consideram (vam) um bom estudante”, alguns responderam:

Tiro notas boas e nunca dou trabalho aos professores não (Questionário 1.)

³⁷ Acerca da homogeneidade, trabalho com a ideia apresentada por Mattos *et al* (2011) que no livro “Etnografia e educação: Conceitos e usos” observa, através duma abordagem etnográfica, como tem sido a heterogeneidade em sala de aula, cujas diferenças nem sempre são percebidas pelo professor.

Nunca repeti nenhum ano quando estudava e sempre tirava notas boas (Questionário 2)

O que se percebe em ambas as respostas é a insuficiência dos capitais exigidos pela Escola. O primeiro, que respondeu ainda estar cursando o 2º ano médio, percebe-se a ausência de uma boa escrita ortográfica (capital linguístico) e o segundo, que afirmou nunca ter “repetido” de ano, respondeu, no mesmo questionário, ter desistido na 8ª série do ensino fundamental (9º ano atualmente) e não pretende mais voltar aos estudos.

Destarte, percebe-se que a trajetória influi de maneira significativa na composição dos capitais inerentes ao campo escolar e na medida em que o *habitus* concedido a estas classes demarca as chances objetivas de sucesso, percebe-se a saída precoce desses sujeitos para o ingresso na costura. Quando interpelados sobre o motivo de desistência escolar (se houve), os pesquisados responderam conforme mostra o gráfico abaixo.

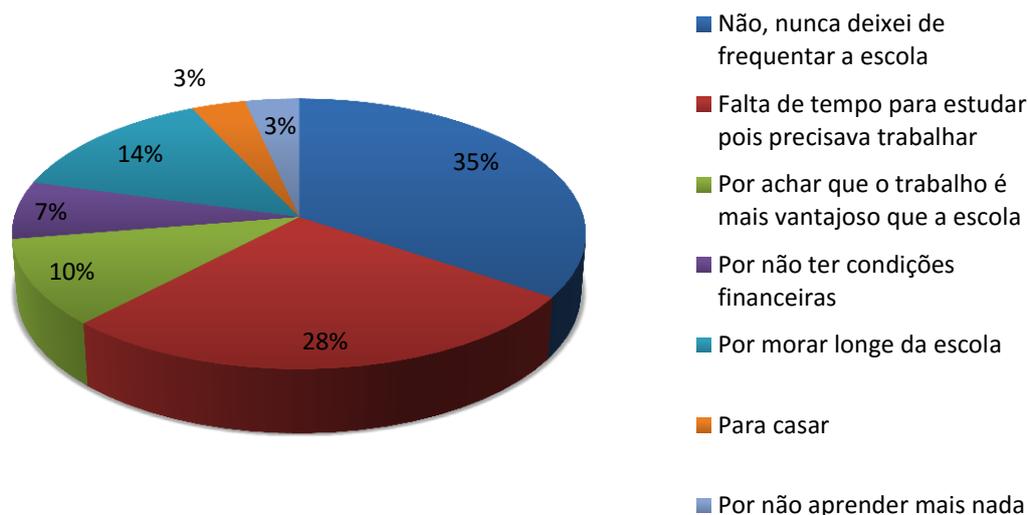


Gráfico 8. Percentual de alternativas assinaladas em relação ao principal motivo de desistência escolar. Fonte: Dados próprios

Grande parte dos pesquisados (59%³⁸) responderam alternativas ligadas às suas trajetórias de vida cujo âmago estão mais uma vez atreladas às necessidades. O percentual de pessoas que não desistiram (35%) se explica pelo fato de haver pessoas que não se

³⁸ Somados os percentuais de pessoas que afirmaram “não terem tempo para o estudo, pois precisava trabalhar”, “acham o trabalho mais vantajoso que a escola”, “não tem condições financeiras” ou “moram longe da escola”.

consideram “desistentes”, uma vez que ainda estão cursando alguma série ou já terem “terminado” seus estudos na educação básica, porém em nenhum dos casos com a outorga de diplomas que lhes confira uma profissão³⁹, sobretudo quando o assunto é a *confeção*.

Assim, na *costura*, há uma probabilidade de ocorrer dois movimentos específicos do campo: a permanência desses trabalhadores no ramo ou a saída do trabalhador para montar seu próprio empreendimento - tanto *fabrico* como *facção* - que irá reproduzir as lógicas do funcionamento que lhe são próprias, qual seja, unidades produtivas sob a égide familiar, introdução precoce dos filhos no mundo do trabalho, informalidade e precarização e, por fim, a saída da educação por haver retornos financeiros mais imediatos.

De acordo com Bourdieu (1998.p.90),

Pelo fato de as condições objetivas se definirem por uma relação específica entre mecanismos, tais como o mercado de trabalho ou o mercado escolar e o conjunto das propriedades constitutivas do patrimônio de uma classe particular de agentes, as práticas engendradas pelo *habitus* são ajustadas a essas condições objetivas toda vez que este for o produto de condições semelhantes àquelas às quais deve responder. [...] Nesse caso, a concordância das expectativas com as probabilidades, das antecipações, está no princípio de ‘realismo’, enquanto sentido da realidade e senso das realidades que faz com que [...] cada uma tenda a viver, ‘de acordo com a sua condição [...] e tornar-se inconscientemente cúmplice dos processos que tendem a realizar o provável.

É nesse sentido que há uma lógica de reprodução própria no campo da costura a partir do momento que aos *costureiros* não se reservam desmensuradas probabilidades de grandes carreiras educacionais. É nesse sentido que a educação dos trabalhadores acaba sendo subproduto do campo da *costura*, deixando como legado a manutenção dos “*herdeiros*” no que concerne à escolarização. Esta dinâmica presente na trajetória escolar dos *costureiros* engendra outros modos e processos de produção posteriores que abrigam as mesmas características de outrora, isto é, torna cíclica a lógica da escolarização dentro da *costura*.

Ainda que muitas das pessoas que trabalham na costura não consigam vislumbrar tacitamente aquilo que há sobre ‘eles’ em termo de estrutura da sociedade, muitos deles relatam experiências que demonstram essa dificuldade de sair do ramo para se estudar.

[A costura] eu num digo que atrapalhou, mas quando a gente pega um trabalho, principalmente em costura seu patrão quer que você entregue aquilo [peças] e num importa como. Aí dá uma dificultada, se a gente tivesse outro trabalho que tivesse como trabalhar, ou pelo menos de carteira assinada, que você trabalhava suas horas

³⁹ Mesmo aqueles que prestam concursos com o grau de estudo básico, tendem a ocupar profissões ainda dentro do quadro das classes populares.

certas, mas num fizesse hora extra, num precisasse... daria pra estudar (Pedro, 23 anos. 16 Abril de 2016)

Bem, às vezes eu tenho algumas dificuldades, pois tem alguns trabalhos que não dá pra estudar por causa do tempo do trabalho aí eu sempre... as vezes dificulta um pouco.[...] Quando passa prova, trabalho pra pesquisar, pra estudar, isso dificulta por que sempre, a maioria das vezes é no tempo que eu trabalho, aí não tem como eu fazer os dois: estudar e trabalhar ao mesmo tempo. (Jorge, 16 anos. 16 de Abril de 2016)

Concluí o segundo grau completo, ingressei na faculdade, mas desisti. Vários motivos [desistiu]: distância, condições financeiras, precisar de trabalhar... (Marília, 23 anos. 23 de Abril de 2016)

[o trabalho tem atrapalhado o estudo] Eu acho que em partes um pouco, porque eu já deixei de estudar; Assim... não saí da escola, mas eu poderia me interessar mais na escola, por causa do trabalho, né?! Da questão que a gente precisa trabalhar também (Joel, 25 anos. 05 de Maio de 2016)

Diante do exposto, fica cada vez mais evidente a ‘inviabilidade’ da saída dos costureiros, que por meio de trabalho garantem o seu sustento para investir em carreiras acadêmicas longas. Certamente a lógica que permeia a dinâmica de atuação dos patrões é outra, no entanto, é preciso ressaltar tais aspectos para demonstrar o *quantum* de capitais se é exigido pela Escola de modo que muitos dos costureiros não conseguem alcançar tal patamar e sair do ramo. Essa realidade reflete cada dia mais na vida dos trabalhadores da costura e de forma intensa produz formas de reprodução societária das mais diversas ordens em espaços diferenciados, porém, com lógicas semelhantes e, não obstante, reconstitui modos de produção e por sua vez, as formas de pensamento, nas palavras de Marx (1993) uma infraestrutura que mantêm a superestrutura e suas desigualdades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Polo de Costura*, configurando-se como um aglomerado produtivo, tem em sua composição uma dinâmica própria que perpassa grandes empreendimentos e se constrói dia-a-dia nos micro-espacos. Nesse sentido, as relações de trabalho se modificam conforme o lugar que se observa e o objeto que se deseja pesquisar.

Neste trabalho, optei por abordar dois fenômenos que andam de mãos dadas: o trabalho e a educação. Com ênfase no campo das incertezas educacionais em virtude das relações sociais marcadas pela necessidade, pela insuficiência do capital cultural que se é oferecido à classe trabalhadora da *costura* - inculcando, portanto a ideia de inacessibilidade ao campo escolar -, o retorno financeiro imediato e a emancipação dos sujeitos em curto prazo, elucidei a permanência desses sujeitos no ramo da confecção por um bom tempo, postergando tais fenômenos às gerações futuras até que se quebre o ciclo em algum momento da trajetória familiar.

Sabe-se que o conceito de juventude se ressignifica no tempo e no espaço em que lhe é posto e as necessidades variam de acordo com as classes (BOURDIEU, 2004). Diante disso, ao selecionar como objeto de análise os jovens trabalhadores da *costura*, reitero que as ‘necessidades’ que me refiro na contemporaneidade, indubitavelmente, não são as mesmas necessidades que eram colocadas às pessoas que estiveram presentes na formação do *Polo*. Não objetivei falar tão-somente dos processos históricos que deram início ao aglomerado, mas observar como estão configuradas atualmente algumas de suas relações de trabalho, sem, entretanto, buscar a totalidade, mas apenas uma parte recortada que não obstante revela uma de suas facetas.

Portanto, neste trabalho evidenciou-se como o processo de inculcação da lógica da “necessidade” se dá, na medida em que por meio de *habitus* inculcido desde cedo no seio familiar - dado que é uma lógica preponderante no *Polo* -, há certo “ciclo” onde as estruturas postas exercem sua força sobre a trajetória dos agentes. Os trabalhadores do *Polo* são, de modo amplo, levados a permanecerem na *costura* durante muitos anos, haja vista que são impelidos pelas necessidades que lhe são reais.

O tempo da inatividade e do ócio que é reservado ao costureiro é ínfimo, de tal sorte que para ele não há desmensuradas expectativas de ascensão trabalhista tampouco carreira

profissionais conquistadas pelo estudo já que este se caracteriza ao agente apenas como uma relação secundária.

Se o tempo que é postergado para a dedicação aos estudos dirá a probabilidade de inserir-se em empregos melhores, com condições de vida mais estáveis, na *costura* tende-se a ocupar os mais precarizados postos de trabalho, já que a ascensão pela educação tem sido uma possibilidade remota aos trabalhadores - que dependem disto para sobreviver - pelo fato de se configurar como futuros incertos e em longo prazo.

Diante disso surgem elementos como a necessidade de sobreviver e/ou emancipar-se financeiramente. Permanecer na *costura* e/ou montar seu próprio empreendimento são opções mais próximas da realidade desses trabalhadores, porém fadadas à mesma dinâmica estrutural de informalidade, precarização, rotatividade e demais modos de atuação do Capital no *Polo*.

É inegável a oportunidade que se é vislumbrada no campo da *costura*, porém, ao passo que essa ‘oportunidade’ é abraçada sem precedentes, geram-se ciclos constantes de reproduções societárias, no que tange à escolarização, pelo fato de ‘essas’ pessoas não se sentirem capazes de progredir educacionalmente, restando-lhes apenas o sentimento de gratidão e dependência às oportunidades ofertadas, permanecendo por muitos dias no trabalho que lhe foi designado num dado momento.

A partir do momento que ‘este’ trabalhador jovem forma seu próprio núcleo familiar, o salário que outrora era motivo de ‘autoafirmação’ e ‘emancipação’ passa a ser elemento central diante de necessidade que lhe é posta: sobreviver. Nesse sentido, resta apenas a opção de submeter-se ao trabalho, que por sua vez, será transposto aos seus pares da mesma forma que lhe foi inculcido. Essa lógica poderá permear gerações, que formarão *herdeiros* no campo da *costura* cujas regras são as mesmas.

Se por meio do capital humano que é investido não se tem a garantia do pleno emprego (RABELO, 2006), em virtude dos diversos capitais que a Escola exige e não apenas o financeiro, há aos trabalhadores a introjeção da lógica de “distanciamento” do mundo educacional por considerar um lugar que não é ‘deles’. Nesse sentido, a partir do momento que a Escola não “acolhe”, por assim dizer, a classes dos costureiros fazendo com estes tenham baixa escolarização, a educação se torna estrutura legítima dum *locus* de

aparelhamento desigual das formas de vivência em sociedade, uma vez que o tempo de estudo dirá, num certo sentido, o trabalho que os indivíduos ocuparão.

Ainda que todos os *costureiros* chegassem às universidades para concluir seus estudos, a “inflação de títulos” (BOURDIEU e PASSERON, 2012) que por sua vez designa o grau de ‘poder’ concedido a um diploma, não permitiria o acesso igualitário de forma generalizada a todos. Assim, entende-se que a lógica reprodutiva presente no *Polo* não lhe é exclusiva dado que ao supor outras conjunturas acontece situações similares. O que pretendo mostrar é que a dinâmica que rege outros campos é, também, a dinâmica que tem alimentado de alguma forma o *Polo de Confecções*.

Se por um lado, postos de trabalho, que tem em seu âmago a informalidade e precarização como elemento constitutivo, tendem a ser alvo de recepção das “sobras” que a Escola produz, ao mesmo tempo, esse mesmo trabalho é tecido e fomentado pelas mesmas “sobras”. Dito de outra maneira, ao tempo que o “insucesso escolar” – considerado aqui como as expectativas do trabalhador em relação à educação - é presa fácil do *sobretabalho* (ANTUNES, 2015) por ser o lugar mais imediato que acolhe esses sujeitos, esta perpetuação das formas de trabalho precarizado têm decorrido de pessoas que adentram nesse campo, cuja força motriz são os “menos sucedidos” no que se refere à escolarização.

Em suma, o trabalho e a Escola têm sido uma via de mão dupla que produz constantemente as relações de produção hodiernamente e, não obstante, essa colaboração mútua tem sido condição *sine qua nom* na manutenção do *status quo* das diversas classes que compõem a sociedade, em particular o *Polo de Confecção*.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALVES, Maria Aparecida. TAVARES, Maria Augusta. **A dupla face da informalidade do trabalho**: “autonomia” ou precarização. In. ANTUNES, Ricardo. *Et al.* Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ANTUNES, Ricardo. **Os modos de ser da informalidade**: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?. Praia Vermelha, v.20.n.1.jan/jun.2010, UFRJ.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 16.ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- ARAÚJO, Tânia Bacelar. **Economia do semiárido nordestino**: a crise como oportunidade. Coletiva. Nº 09. Recife: FUNDAJ. Set-Dez. ISSN 2179-1287. Disponível em: http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=68:economia-do-semi%C3%A1rido-nordestino-a-crise-como-oportunidade. Acesso em 21 de fevereiro de 2016.
- ATLAS BRASIL. Perfil dos Municípios. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/coxixola_pb#educacao. Acesso em 08 de Abril de 2016.
- BEZERRA, Elaine Maurício. **O trabalho a domicílio das mulheres do cariri paraibano no Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco**. Dissertação de Mestrado, UFCG. Campina Grande, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa, Portugal: Fim de século. 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora**: as desigualdades frente à escola e à cultura. In. Escritos de educação. Org. Maria Alice Nogueira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Futuro de classe e causalidade possível**. In. Escritos de educação. Org. Maria Alice Nogueira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CABRAL, Romilson. **Relações possíveis entre empreendedorismo, arranjos organizacionais e institucionais**: estudo de casos múltiplos no Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano. Tese de Doutorado, UFBA, 2007.
- CANÁRIO, RUI. **A escola**: das “promessas” às “incertezas”. Pags. 73-81. Vol 12. Universidade de Lisboa, Portugal, maio/agosto, 2008.

DIEESE. **Diagnóstico do setor têxtil e de confecções de Caruaru e Região. Relatório de Pesquisa.** Recife, maio de 2010.

EUFRASIO, Marcelo Alves Pereira. **O Pro-jovem do território da sulanca: desafios diante da informalidade.** Tese de doutorado. UFCG. Campina Grande, 2013.

FARIAS, Josefa Denise. **Novas formas de trabalho no Cariri Paraibano:** Desenvolvimento das unidades de confecção. Dissertação de Mestrado (*mimeo*), UFCG, PPGCS, 2016.

FREITAS, Lorena. Souza, **A instituição do fracasso.** Pgs 281-304. In. Jessé. Ralé brasileira: quem é e como vive. *Et al.* Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

IANNI, Octavio. **Karl Marx: Sociologia.** In. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1979.

IBGE (2014). Dados do censo demográfico de 2010. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso em: 02 de Abril de 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Cultural.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMOEIRO CARDOSO, Miriam. **Capitalismo Dependente, Autocracia Burguesa e Revolução Social em Florestan Fernandes.** Universidade Federal do Rio de Janeiro – Ciências Sociais. Junho de 1994 a agosto de 1995.

LIRA, Sônia Maria. **Muito além das feiras da sulanca:** a produção de confecção do Agreste/PE. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

MARX, Karl. **A ideologia alemã.** 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. CASTRO, Paula Almeida de. (Org.). **Etnografia e educação: Conceitos e usos.** Campina Grande: Eduepb, 2011.

MAUSS, Marcel (1872-1950). **Marcel Mauss:** Sociologia e Antropologia. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, Marilda Aparecida. SILVA, Sandra Roberta Alves. **O desejo de autonomia dos jovens e o tratamento familiar.** In. VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

MILANÊS, Renata Bezerra. **Costurando roupas e calçados:** as linhas que tecem o trabalho e gênero do Agreste Pernambucano. Dissertação de Mestrado, UFRRJ, 2015.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu e Educação.** 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2009. Cap. III e IV, p.49-85.

ORTIZ, Renato. *Et al.* **Pierre Bourdieu:** sociologia. In. Grandes Cientistas Sociais. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

PEREIRA NETO, Eugênio Vital. **Qualificação e informalidade:** os modos de atuação do Senai no Polo de Confecções de Pernambuco. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.

POCCHMAN, Marcio. **A batalha pelo primeiro emprego:** a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro. 2.ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

POCCHMAN, Marcio. **Educação e trabalho:** como desenvolver uma relação virtuosa?. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004.

POCCHMAN, Marcio. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil:** um balanço dos últimos 10 anos. São Paulo, Fevereiro de 2007.

RABELO, Jackline. *Et al.* **Trabalho, educação e a crítica Marxista.** Fortaleza: Imprensa Univeritária, 2006.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação:** fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação. v.12.n.34. Jan/Abr.2007

SEBRAE. **Estudo econômico do arranjo produtivo Local de Confecções do Agreste Pernambucano, 2013.** Relatório Final. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Estudo%20Economico%20do%20APL%20de%20Confeccoes%20do%20Agreste%20-%202007%20de%20MAIO%202013%20%20docx.pdf>>. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2016.

SILVA, Sandra Roberta Alves. **A juventude na “Sulanca”:** Os desafios da inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte – PE. Dissertação de Mestrado (PPGCS). Campina Grande: UFCG, 2009.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. **O Polo.** ANPOCS. [2000?] Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1250&Itemid=353>. Acesso em 27 de Fevereiro de 2016.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. SANTANA, Marco de Aurélio (org). **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

XAVIER, Maria Gilca Pinto. **O processo de produção do espaço urbano em economia retardatária: a aglomeração em Santa Cruz do Capibaribe (1960-2000).** Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

- 1) Qual o seu nome, quantos anos você tem e qual seu endereço? (*Outras informações gerais que identifiquem o perfil do entrevistado*)
- 2) Nos fale um pouco de sua trajetória na costura, há quantos anos você trabalha nesse ramo, etc.
- 3) Como você entrou no ramo da costura?
- 4) Na sua infância como era a sua relação com a costura?
- 5) Em sua trajetória você teve a ajuda de alguém? Como se deu isso?
- 6) Em que você trabalha: fabrico, facção? Você trabalhar de carteira assinada? (*Em caso de resposta negativa, da segunda pergunta*) Por qual motivo você não tem sua carteira assinada?
- 7) Você faz cerão ou hora extra? Como é sua jornada de trabalho? (Quais os dias, quais as horas que você começa...)
- 8) Você frequenta (ou) a escola? O que você quer/gostaria de ser profissionalmente Por que não vai em busca ao invés de trabalhar na costura?
- 9) Como é (era) sua relação com a escola? Acompanha (va) os assuntos, sente dificuldade na escola, nos relate como tem sido sua experiência com tudo isso.
- 10) Você se considera/va um bom estudante? Por quê?
- 11) Você gostaria de dar continuidade aos seus estudos?
- 12) Qual o motivo que faz com que você trabalhe na costura?
- 13) Quais os seus planos futuros em relação ao trabalho?

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

PESQUISA SOBRE O POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Este questionário tem o objetivo de pesquisar os motivos de pessoas saírem da Escola cedo e ingressarem no mercado de trabalho, mais precisamente no ramo da “costura”.

1.GÊNERO	2.IDADE	3.LOCAL DE MORADIA	4.ESTADO CIVIL	5.ETNIA	6.RELIGIÃO
<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	_____ anos	<input type="checkbox"/> Zona rural <input type="checkbox"/> Zona urbana	<input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> Desquitado <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Branco <input type="checkbox"/> Negro <input type="checkbox"/> Pardo <input type="checkbox"/> Índio <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> Católico <input type="checkbox"/> Evangélico <input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Judeu <input type="checkbox"/> Ateu <input type="checkbox"/> Outra
7. Até que série você estudou?			8. Em que tipo de escola você frequentou?		
<input type="checkbox"/> Até a 4ª Série (5º ano) <input type="checkbox"/> Até a 8ª Série (9º Ano) <input type="checkbox"/> Até o 3º Ano do Ensino Médio <input type="checkbox"/> Até a Graduação no Ensino Superior <input type="checkbox"/> Outros: _____			<input type="checkbox"/> Somente Escola Pública <input type="checkbox"/> Somente escola Particular <input type="checkbox"/> Em escola pública e particular <input type="checkbox"/> Em escola profissionalizantes <input type="checkbox"/> Outras: _____		
9. Quantas pessoas, incluindo com você, mora (m) na mesma casa que você?			10. Somando todos os salários de sua família, quanto é o total (sem descontos ou despesas)?		
<input type="checkbox"/> 02 Pessoas <input type="checkbox"/> 03 Pessoas <input type="checkbox"/> 04 Pessoas <input type="checkbox"/> 05 Pessoas <input type="checkbox"/> 06 Pessoas <input type="checkbox"/> Mais: _____			<input type="checkbox"/> Menos de 1 Salário Mínimo <input type="checkbox"/> 01 salário mínimo (R\$ 880,00) <input type="checkbox"/> 01 salário mínimo e meio <input type="checkbox"/> 02 salários mínimos <input type="checkbox"/> 03 salários mínimos <input type="checkbox"/> Mais de 3 salários mínimos <input type="checkbox"/> Outros valores: _____		
11. Qual o nível de instrução de seu pai?			12. Qual o nível de instrução de sua mãe?		
<input type="checkbox"/> Não alfabetizado <input type="checkbox"/> Lê e escreve, mas nunca foi na escola <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Fundamental completo <input type="checkbox"/> Médio incompleto <input type="checkbox"/> Médio completo <input type="checkbox"/> Cursando ensino superior <input type="checkbox"/> Ensino superior <input type="checkbox"/> Outros: _____			<input type="checkbox"/> Não alfabetizado <input type="checkbox"/> Lê e escreve, mas nunca foi na escola <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Fundamental completo <input type="checkbox"/> Médio incompleto <input type="checkbox"/> Médio completo <input type="checkbox"/> Cursando ensino superior <input type="checkbox"/> Ensino superior <input type="checkbox"/> Outros: _____		

13. Qual o seu local de trabalho?	14. Qual a sua atividade?	
<input type="checkbox"/> Fabrico <input type="checkbox"/> Facção <input type="checkbox"/> Cortador de tecido <input type="checkbox"/> Lavanderia <input type="checkbox"/> Fábrica <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> Costureiro <input type="checkbox"/> Cortador de tecidos <input type="checkbox"/> Tirador de Ponta de linha <input type="checkbox"/> Patrão <input type="checkbox"/> Outros: _____	
15. Você tem algum parentesco com o patrão? Se há, qual?	16. Qual o (a) principal responsável pelo sustento da família?	
<input type="checkbox"/> Não sou parente do meu patrão <input type="checkbox"/> Filho (a) <input type="checkbox"/> Primo (a) <input type="checkbox"/> Tio (a) <input type="checkbox"/> Sobrinho (a) <input type="checkbox"/> Marido (esposa) <input type="checkbox"/> Outros: _____	<input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Pai e Mãe <input type="checkbox"/> Você próprio <input type="checkbox"/> Parente <input type="checkbox"/> Outros: _____	
17. O (a) responsável pelo sustento da família trabalha no ramo da confecção? Se sim, indique qual sua profissão.	18. Você já desistiu ou deixou alguma vez de frequentar a escola? Se sim, por que motivo?	
<input type="checkbox"/> Não, o responsável pelo sustento não trabalha nisso <input type="checkbox"/> Costureiro <input type="checkbox"/> Cortador de tecidos <input type="checkbox"/> Tirador de Ponta de linha <input type="checkbox"/> Patrão <input type="checkbox"/> Outros: _____	<input type="checkbox"/> Não, nunca desisti ou deixei de frequentar a escola <input type="checkbox"/> Falta de tempo para estudar pois precisava trabalhar <input type="checkbox"/> Por achar que o trabalho é mais vantajoso que a escola <input type="checkbox"/> Por não entender os assuntos na escola <input type="checkbox"/> Por não ter condições financeiras <input type="checkbox"/> Por morar longe da escola <input type="checkbox"/> Outro motivos: _____	
19. Quando você está fora do trabalho, o que costuma fazer?	20. Quantas horas você trabalha por dia?	21. Você trabalha com carteira assinada?
<input type="checkbox"/> Acessar a internet <input type="checkbox"/> Ajudar nas atividade domésticas <input type="checkbox"/> Ler livros <input type="checkbox"/> Assistir filmes <input type="checkbox"/> Ir ao teatro <input type="checkbox"/> Praticar esportes: _____ <input type="checkbox"/> Cursos de aperfeiçoamento pessoal <input type="checkbox"/> Hora extra no trabalho <input type="checkbox"/> Outras atividades: _____	<input type="checkbox"/> 8 horas <input type="checkbox"/> 9 horas <input type="checkbox"/> 10 Horas <input type="checkbox"/> 11 horas <input type="checkbox"/> 12 horas <input type="checkbox"/> 13 horas	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

22. Você costuma fazer hora extra no trabalho (cerão)?	23. Se você respondeu “sim” na questão anterior, agora responda: Quanto tempo você trabalha por dia de hora extra?	24. Você costuma trabalhar sábados, domingos e feriados?	25. Qual a tendência de moda que você costuma trabalhar?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Até 1 hora <input type="checkbox"/> Até 2 horas <input type="checkbox"/> Até 3 horas <input type="checkbox"/> Até 4 horas <input type="checkbox"/> Até 5 horas <input type="checkbox"/> até 6 horas <input type="checkbox"/> Outros: _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Moda feminina <input type="checkbox"/> Moda masculina <input type="checkbox"/> Moda praia <input type="checkbox"/> Moda íntima Masculina <input type="checkbox"/> Moda íntima feminina <input type="checkbox"/> Outras: _____
26. Qual o principal investimento que você sempre realiza com seu salário? Justifique sua resposta ao final.		27. Com suas palavras, responda nas linhas abaixo o principal motivo de você trabalhar nesse ramo.	
<input type="checkbox"/> Compra utensílios de casa (Móveis e eletrodomésticos) <input type="checkbox"/> Compra bens pessoais não-duráveis (Roupas, Celulares, Sapatos, etc.) <input type="checkbox"/> Compra bens-duráveis (Carro, moto, etc) <input type="checkbox"/> Investe no mercado imobiliário (Construindo casas, apartamentos, lojas, salões, etc.) <input type="checkbox"/> Investe em contas bancárias para obter rentabilidade <input type="checkbox"/> Investe na educação pessoal e de seus filhos (se houver) <input type="checkbox"/> Usufrui com viagens, passeios, lazer com família, etc. <input type="checkbox"/> Outros: _____ <i>Justifique:</i> _____ _____ _____ _____		_____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____	
28. Você gostaria de dar continuidade aos seus estudos? Justifique sua resposta.		29. Você se considera/va um bom estudante? Justifique sua resposta.	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não _____ _____ _____ _____		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não _____ _____ _____ _____	

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr. (a)

Eu, **Mesias Ramos de Sousa Neves**, estudante de curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – Campus Sumé/PB, sob a orientação dos **Professores Dr. Ivan Fontes Barbosa (UFPB) e Dr. José Marciano Monteiro (UFCCG)**, pretendo desenvolver minha pesquisa com trabalhadores no ramo da confecção de roupas para o Polo de Costura, no presente estabelecimento, com o objetivo de identificar os possíveis motivos de pessoas saírem cedo do mundo educacional para ingressar no campo de trabalho do polo, mais precisamente em *fabricos e facções*. Farei esta pesquisa através de questionário contendo perguntas abertas e fechadas, como também utilizando da técnica de entrevista quando for oportuno.

O motivo que me leva a estudar este assunto é o fato de observar-se que a cada dia cresce o número de pessoas que deixam a Escola para ingressar no mercado de trabalho. Por isso, temos a intenção de saber quais os motivos que levam as pessoas a sair de um lugar para outro.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A sua participação será voluntária, pois não acarretará qualquer dano nem custo para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto. Reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo:

Atenciosamente,

Pesquisador Responsável: Mesias Ramos de Sousa Neves

Orientador: Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa

Consentimento do Voluntário

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para tal, e ciente de que os dados serão usados pelo responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

Coxixola, _____

Assinatura do Participante

ANEXOS



Anexo 1 – Foto de máquina manual, marca Philips. Produzida nos anos 50 ou 60. Arquivo: Guaracy Baldi apud Cabral (2007)



Anexo 2 – Foto de máquina a pedal, marca Singer. Produzida nos anos 50 ou 60. Ainda utilizada no início da década de 70. Arquivo: Guaracy Baldi apud Cabral (2007)



Anexo 3 – Foto de facção no Sítio Campo do Velho, Coxixola/PB. Fonte: Arquivo próprio



Anexo 4. Foto de facção no Sítio Campo do Velho, Coxixola/PB (fase final de produção - ponta de linha/arrumação) - Facção. Fonte: Arquivo próprio.



Anexo 5. Foto de fabrico de Moda intima no Sítio Campo do Velho, Coxixola/PB. Fonte: Arquivo Próprio



Anexo 6. Foto de fabrico de Moda intima no Sítio Campo do Velho, Coxixola/PB (fase final de produção - ponta de linha/arrumação) - Fabrico. Fonte : Arquivo próprio.



Anexo 6. Foto de estoque de peças embaladas para a venda (ao final) e cortadas (sobre a mesa) para a divisão entre os costureiros para a próxima produção. Fonte: Arquivo próprio.



Anexo 7. Foto de visão área do Moda Center em Santa Cruz (Lugar de escoamento da produção caririzeira da Confecção). Fonte: <http://geraldosilvacross.blogspot.com.br/>. Acesso em 06 de maio de 2016.